

# A ASPIRACAO

Foto: FRITZ  
Tel. 22.4159 - R.

*Homenagem! Postuma*

---



**Tte.-Cel. ALFREDO SEVERO DOS SANTOS PEREIRA**

**Inesquecível amigo do Colégio que a morte  
levou para o seu mundo**

---

# Cel. Alfredo Severo dos Santos Pereira

## Síntese Biográfica

Nomeado para o Magistério Militar, como coadjuvante do ensino teórico, em 30. IV. 1912, apresentou-se ao Colégio Militar do Rio de Janeiro em 4 de maio seguinte, iniciando-se no professorado nas aulas de Aritmética e de Português da 3.ª série deste Estabelecimento. Trabalhador incansável, além da regência dessas disciplinas, aceitou turmas de Geometria, havendo-se, em qualquer das matérias, com inexcusável brilhantismo e destacado aproveitamento didático. Prestou, ainda, relevantes serviços na Escola Militar e no Colégio Militar de Barbacena. Já em 1919, depois de sete anos de exercício no magistério, foi nomeado, por Decreto do Governo, para o cargo vitalício de professor adjunto da 3.ª Secção deste Colégio, abandonando assim, definitivamente,

te; pela reforma no posto de major, a brilhante carreira que fazia no oficialato do Exército Nacional, para dedicar-se com exclusividade à árdua missão de professor, que tão bem soube desempenhar, revelando-se um educador emérito, plasmador de caracteres, orientador e guia espiritual de várias gerações de jovens brasileiros. Sempre em trabalho ativo no Ensino, soube fazer-se merecedor dos mais irrestritos elogios de todas as Administrações a que esteve subordinado, destacando-se entre os seus pares pela vastidão de sua cultura, pela grande competência profissional, pela dedicação sem par à causa do ensino. Mais que simples professor, tornou-se Mestre, por todos acatado, querido e respeitado. Em 1928 foi elevado à cátedra, nas funções de professor de História Natural, merecendo então as honras do posto de Tenente-Coronel e, dez anos mais tarde, sempre no exercício efetivo das funções, foi promovido, na Reserva de 1.ª classe do Exército Nacional, ao posto de Coronel. Em junho de 1942 atingiu a idade limite para a permanência na Reserva, sendo afastado das atividades profissionais no Ensino. Contava então 64 anos de idade e 47 de serviço público, dos quais 30 de intenso e profícuo labor no Magistério Militar. Sua despedida foi das mais tocantes, sabendo o atual Comandante expressar-lhe no elogio final, toda a gratidão deste Educandário, pelo muito que recebeu de tão conspícuo mestre, e a saudade que harmonizava o sentimento geral de todos os que com ele privavam, Oficiais, Professores, Funcionários e Alunos.

# A ASPIRAÇÃO

ORGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE LITERÁRIA DO COLÉGIO MILITAR

Diretor: Virgílio da Veiga

Ano LII

1945

N. 1

## Quando desfila o meu Colégio...

Se despercebido me passas diariamente, ao desfilar, não me posso vingar à tua grandiosidade. O que se passa, então, em mim, não se pode definir como uma emoção intensificada, porque seria ocultar o todo que o sentimento encerra e que é óbvio.

Quando desfilas, meu Colégio, ao bater surdo e compassado dos tambores, ao gritar fanhoso e estridente dos clarins pela alameda, enchendo o ar de frêmitos acordes, embriagando a natureza com suas notas agudas e pausadas, sinto que até o balouçar das palmeiras é ritmado parecendo quererem marchar os seus ramos, acompanhando a cadência de teus passos!

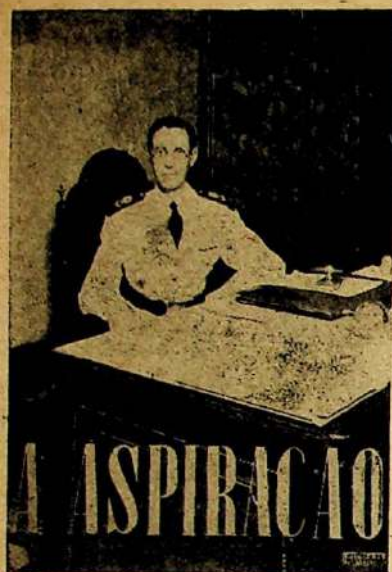
Quando desfilas, meu Colégio, pelas ruas — arfante, jovial e altaneiro — ao som de u'a marcha transbordante do teu entusiasmo, com um ritmo vibrante de alegria, vejo o Brasil marchar também contigo a passos certos no amanhã que, tendo-te como guia, se me depara radiosa e grande!

Quando desfilas, meu Colégio, em continência, entre os aplausos daqueles que te vêem e vibram contigo, sinto que tudo saltita ao bater de teus passos, que me parecem o pulsar do coração do Brasil que te espera e que de tí espera o múltiplo das glórias de que sempre se viu acompanhado!... E eu te vejo erguendo-lhe monumentos, coroando-o de louros, condecorando-o de honras, cobrindo-o de vitórias!... E, olhando teu insigne pai que do seu trono te observa sorrindo, vendo a bandeira que suavemente balouça ao sôpro da brisa, fitando o céu que lá de cima te contempla maravilhado, repito orgulhoso mas baixinho, o que meu peito grita, num entusiasmo explosivo:...

— CAXIAS! TOMÁS COELHO! FLORIANO! VENHAM VER QUE ESPETÁCULO SUBLIME, QUE ACONTECIMENTO MÁGNO! VEJAM, E' O MEU O SEU, E' O NOSSO COLÉGIO QUE DESFILA!...

Virgílio da Veiga

# NOSSA CAPA



A nossa capa localiza, neste número, a figura do general de brigada, Oscar de Araujo Fonseca, atual comandante do Colégio Militar, a quem mercedosamente, homenageamos.

A Direção

## “ A ASPIRAÇÃO ”

Expediente

DIRETOR INTERINO

VIRGILIO DA VEIGA

REDATORES

ERNANI MIRANDA e GIL NASCIMENTO

Recebemos quaisquer colaborações, desde que vasadas na pura moral, ficando entretanto, sujeitas ao nosso critério, sua publicação.

Os trabalhos devem ser escritos numa só lauda de papel, e enviados à redação, até o dia 15 do mês a que se destinarem.

Não devolvemos, absolutamente, os originais, embora deixem de ser publicados.

Os colaboradores podem utilizar pseudônimos, sendo, porém, indispensável, enviar-nos seus nomes.

## SOCIEDADE LITERÁRIA

Diretoria

PRESIDENTE :

AGNELO SOBREIRA

VICE-PRESIDENTE

SYDNEI LIMA SANTOS

1.º SECRETARIO

ELBIO VARGAS

2.º SECRETARIO

PAULO DE MARCO

SUPLENTE :

VITOR CARLOS BRAVO

TESOUREIRO :

VINICIUS DA SILVA GUERRA

BIBLIOTECARIO :

PAULO CEZAR DE FIGUEIREDO ENNE

ORADOR OFICIAL :

OTAVIO TEIXEIRA

DIRETOR INTERINO DE “A ASPIRAÇÃO”

VIRGILIO DA VEIGA

# Um Preito de Saudade ao velho

## MESTRE



Foi em novembro do ano passado que o Colégio chorou mais uma lágrima, com o trágico desaparecimento do Cel. Alfredo Severo dos Santos Pereira. E não foi sem sentimento essa lágrima sincera, pois que a perda não foi apenas a de um ex-professor mas, antes de tudo, a de um grande amigo. O Cel. Severo, pode-se afirmar, dedicou-lhe, quase que exclusivamente, seus verdadeiros anos de vida, não se esquecendo, nem nas suas derradeiras horas, da casa amada, onde passou 30 dos seus 47 anos de serviço público, contemplando-a, em seu testamento, com dois legados: o da sua biblioteca — orçando, aproximadamente, uns 1.700 volumes —, “e mais a quantia em apólices da Dívida Pública, como irão constituir um prêmio anual, a ser concedido na conclusão do curso, como auxílio à continuação dos estudos, àqueles entre os mais destacados e mais bem comportados, que seja órfão ou dos mais desprovidos de recursos”, conforme resa textualmente o documento, acrescentando: “a forma da concessão do prêmio será regulada pelo Comandante do Colégio, ouvindo o conselho de professores”.

Que prova mais concreta nos poderia êle ter dado de sua veneração por esta casa bendita? De que maneira mais nítida poderia êle expressar o seu amor por êste templo sagrado?

O Cel. Severo soube amar e soube venerar a casa onde viveu quase a metade de sua existência. E é, pois, por êsse amor, por essa veneração que deixamos, nestas páginas, uma homenagem sincera ao saudoso mestre, para que não fique esquecida a memória daquele que não nos esqueceu, nem na sua derradeira hora de vida!

### PALAVRAS DOS QUE FICARAM SAUDOSOS

Discursos feitos por seus amigos e discípulos na romaria feita ao seu túmulo a 14 de dezembro de 1944.

Senhores — Aqui nos encontramos para homenagear a memória do nosso pranteado amigo **Alfredo Severo**, cobrindo com essas flôres, simbolizadoras da nossa imortredoura saudade, a pedra do túmulo que há trinta dias recebeu seu corpo em eterno sono. Neste sepulcro repousará êle para sempre, só, como viveu, pois, sem família, morava isolado, na companhia, apenas, dos seus livros que foram os mais diletos amigos de sua vida. E, tão amigo era êle dêsse repositório de saber, que, não desejando passassem a outras mãos, doou-os à biblioteca do Colégio Militar, educandário onde por muitos anos lecionou e do qual foi um elemento de incontestável valor.

Sua morte foi, para todos nós, uma desagradável surpresa, dada a maneira trágica como se processou. Foi um desenlace misterioso dos muitos que encerra a vida humana, que êle tanto estudou e sobre a qual muito escreveu, esmiuçando, mesmo, seus vários recantos quando da apreciação que fizera sobre o magnífico trabalho do Dr. Alexis Carrel “L'homme cet inconnue”. Era um espírito inteligente, equilibrado e de fina educação; dotado de invulgar cultura e conhecedor profundo dos múltiplos ramos dos conhecimentos humanos, dos quais colheu ensinamentos que sabia, como nenhum outro mestre, transmitir aos seus alunos. Filiado a doutrina filosófica do genial Augusto Comte, tinha pela humanidade verdadeiro culto e justificado horror a quaisquer atos de despotismo e de desrespeito às liberdades de que um homem consciente deve gozar.

Por êstes e outros predicados de caráter e de coração, soube êle impor-se à admiração e o respeito dos seus contemporâneos. E eu, saudoso amigo Severo, como organizador do **almôço de amizade**, da turma de Alferes-alunos de 1902, à qual pertencias, e que periodicamente realizavamos para relembrar os companheiros mortos e recordar nosso convívio amistoso na legen-

dária Escola Militar da Praia Vermelha, e em cujas reuniões tiveste a oportunidade de produzir belíssima oração, não podia deixar de convocar nossos colegas e os teus amigos e admiradores para esta **romaria de saudade**, na qual se farão ouvir os representantes de nossa turma e dos corpos docentes, administrativo e discente do Colégio Militar e outros amigos que, melhor do que eu, dirão do sentimento que nos amuia neste preito de sincera e amistosa saudade.

Adeus, querido amigo! Paz ao teu espírito!

**Coronel Paulino de Souza**

Alfredo Severo, mestre, na acepção mais lídima do termo; erudito, no sentido mais amplo da palavra; sacerdote do ensino, no conceito mais sublime da expressão.

Foi mestre e eminente: Amigo, da ciência e daqueles que, como êle, possuíam a ambição do saber! Eminente, porque, entre os do seu tempo, se alçava como ponto culminante!

Mestre, escutai-me: Fala-vos um vosso antigo discípulo, representante de quantos vos ouviram as sábias lições no vestuário Solar dos Mesquitas, o Colégio Militar para quem viveste os melhores dias de vossa frutuosa existência. Fala-vos, também, em nome do Corpo Administrativo dêsse mesmo Colégio, por delegação expressa de seu Cmt., Gen. Oscar de Araújo Fonseca, illustre amigo que tiveste e não menos admirador de vossos elevados dotes morais e intelectuais.

Austero mestre, recuai duas décadas no passado, e lá, encontrareis aquela turma em que lecionaste Física e Química. Foi pelo ano de 1922, quando estáveis no apogeu de vossa capacidade. A minha turma vos venerava, menos pela bondade que, no vosso porte sereno, jamais deixastes transparecer, do que pelo saber, pela dignificação cátedra, pela retidão nas menores atitudes do emérito professor.

Não tínheis ainda, nessa época, 45 anos. Estáveis em plena maturidade, a vossa pedagogia era precisa, era perfeita; o nosso respeito e acatamento por vós era integral. E sabíamos como sabemos, que as turmas que nos precederam como as que nos sucederam, não demonstraram pelo va-

ção ilustre que tanto brilho e fama acrescentou à cátedra, no Colégio, menor culto e veneração.

Lembre-vos ainda, mestre, que essa nossa admiração se perpetuou, porque, no fim do nosso curso, quando não dependíamos mais de vós, nos recebestes das mãos ainda na casa da sua Benjamin Constant, uma estatueta de bronze que simbolizava a ciência casando-se com a justiça.

Há menos de um ano, obedecendo a fidalgo convite que me fizestes, jantava eu convosco. Depois, nós ambos visitamos o vosso apartamento. Recordo-me perfeitamente que, em frente da estatueta, relembrastes, com solenidade, aquele passado.

Oh! Que vácuo representa a vossa perda, mestre querido, vós que éreis um exemplo a imitar, um caminho a seguir!

Todos os que convosco vivemos, alunos, professores, oficiais e demais funcionários da Casa de Tomas Coelho vos deploram o desaparecimento, à primeira vista, incompreensível, mas, facilmente aceitável, logo depois.

A vossa vida foi sempre um fio a prumo, um todo harmônico e homogêneo, físico, moral e intelectualmente.

Nunca foste para nós um velho, senão nos últimos instantes, quando a vossa saúde se abalou.

Esse conjunto perfeito e coerente era Alfredo Severo, o homem imutável.

A natureza, certo dia, desleza esse equilíbrio estável. Alfredo Severo resolveu desaparecer.

Compreendemo-vos, mestre, nesse dia fatal, porque na vida nós, os vossos amigos e admiradores não fizemos senão isso: com prender-vos.

Mestre sábio, os vossos amigos, confrades, e antigos alunos pedem-vos, nesta romaria bendita que, malgrado a vossa austeridade, permaneçais em nossas memórias, em nossos pensamentos, já que a fatalidade vos arrebatou do nosso convívio.

Sêde o nosso guia espiritual, exemplo constante que fostes, da abnegação serena, do sacerdócio na cátedra, no devotamento à ciência e ao dever. Parai, venerando mestre, por sobre os umbrais do Solar dos Mesquitas, como estrêla norteadora do exercício da docência naquela casa bendita de ensi-

no onde difundistes, não só o vasto saber do vosso prevailegiado engenho, senão também os sábios princípios de uma moralidade pura, durante quase 40 anos, honrando-a, a Casa de Tomaz Coelho, como professor catedrático que dela fostes.

### Jarbas Cavalcante de Aragão

Senhores — Aqui estamos reunidos para prestarmos uma homenagem justa e sincera ao nosso inesquecível e querido Coronel Severo. Se assim o fazemos é porque calou fundo em nossos corações, deixando patente a nossa dôr interna, a notícia do seu falecimento.

Todos os que aqui nos encontramos sentimos um grande pesar por nos vermos privados da sua palestra amiga, dos conselhos que, na qualidade de mestre, êle nos dava, procurando, com os mesmos, inculir no espirito de cada um a vontade de vencer, de conquistar a vitória, de forjar o caráter e dêsse modo galgar os degraus da glória.

Coronel Augusto Severo morreu.

"Foi-se pouco a pouco amortecendo  
A luz que nesta vida o guiava".

Sim, morreu seu corpo, mas seu espirito continuará a trilhar os caminhos do bem e da felicidade.

Sua obra é vasta, e dela todos temos conhecimento; assim, sabemos que ela ficará imorredoura no coração dos homens de amanhã.

E' tão grandiosa que se poderia mesmo — chamar de um pedaço da Posteridade!

Ainda me lembro da figura do Coronel Severo.

"Seu passo era tão leve e a sua voz tão  
(mansa  
Como deve ser leve um sonho de criança".

Caminhava sempre altivo e magestoso, e o seu semblante já traduzia a sua personalidade.

Recordo-me também da serenidade com que dava suas aulas no Colégio, procurando "Abrir a inteligência de seus alunos às grandezas benditas do livro" e, desta sorte, edificando-lhes uma cabedal mais sólido e mais rico.

Transmitia os seus ensinamentos com tanta perícia que dava gôsto assistir à uma de suas aulas.

Era um verdadeiro guia de seus alunos, "A lâmpada de sua noite! Água de seu deserto  
árvore luminosa no seu caminho!"

Era em verdade, um homem dotado de profundos conhecimentos, não só em se tratando de cultura geral, senão também no que diz respeito ao estudo da História Natural. Morreu o Coronel Severo mas sua figura permanecerá inesquecível em nossos corações.

Êle nos deixou por um mundo melhor, qual seja o mundo espiritual.

Partiu depois de uma viagem gloriosa, ....  
"deixou a vida como deixa o tédio  
do deserto, o poente caminheiro".

O destino cruel ceifou-lhe a vida.

A vida! Que é a vida a não ser "uma viagem por mar sempre agitado, mesmo nos dias de maior bonança".

"Triste viagem é a vida, que termina sempre por um naufrágio; ou da qual ainda ninguém saiu sem levar a mastração partida, o farol apagado, e as velas estraçalhadas pelos terríveis vendavais que se encontram no caminho.

E ao cabo da viagem sem dentes, sem cabelos, sem brilho nos olhos, com a pele encarquilhada e as pernas trôpegas, ficamos a esperar o túmulo, esquecidos e desprezados no mundo, como o casco inútil do navio, que naufragou na costa e vai aos poucos despindo as cavernas e mostrando a quilha".

A vida para nós é um tesouro que trazemos bem guardado e cuidamos com muita abnegação. Quando menos se espera arrebatam-nô das mãos e mergulhamos então, no caos do esquecimento.

Todavia o Coronel Severo não ficará esquecido, êle deixou com sua morte grande pesar e profundas tristezas.

Daquí, ao contemplarmos o túmulo daquele que amamos e veneramos em vida, e que continuaremos a amar e venerar depois de morto; ao contemplarmos a tumba



onde repousa inconciênte o corpo inerte do memorável e augusto ex-mestre, afloram-nos aos lábios palavras de agradecimento pelo seu trabalho em vida e, elevando o pensamento a Deus, pedimos luz para seu espírito que iniciou uma longa jornada.

E, enquanto volvemos os olhos para o Senhor, clamando pela justiça divina, o destino impiedoso bradará, com sua voz cavernosa e tétrica e com as mãos crispadas pelo tempo:

"Reverterem ad locum tuum"

**Otávio Teixeira**

Senhores — Já vários escritores têm acentuado e procurado explicar a tendência lastimável dos brasileiros, sobretudo das classes mais elevadas, de fugir à vida da sociedade, com os deveres que lhe são peculiares isolando-se cada um egoisticamente nos estreitos limites de suas famílias.

Nenhum dos nossos clubes e associações consegue atrair seus associados que dificilmente comparecem a duas ou três solenidades anuais.

Por isso mesmo é altamente louvável a atitude de Artur Paulino que reascende por vezes em nossos corações o espírito de solidariedade nos conclamando para o cumprimento de deveres iniludíveis. E' assim que êle nos convocou para essa romagem da sociedade e me escalou para traduzir o sentimento coletivo dos companheiros da Escola Militar, do morto querido cujos despojos materiais repousam neste sepulcro.

Como a escolha só resultou da circunstância de ser eu o mais velho dos companheiros vivos de Alfredo Severo, desde os tempos inesquecíveis da Escola Militar do Ceará aceitei o mandato imperativo. Outros o fariam com mais brilho e eloquência, mas como não se trata de um torneio literário incompatível com o ambiente de luta e de dor de uma necrópole venho dirigir ao morto querido as nossas palavras de afeto e admiração.

Severo:

Coordenando as minhas idéias para fugir à prolixidade fatigante, o único livro que manuseei e que ocupa em minha modesta bibliotéca um lugar de destaque, foi a joia literária, tão cheia de emoção e de poesia,

que escreveste a nosso pedido, recordando nossa passagem pela Praia Vermelha e que intitulaste Crônica das Saudades.

Permiti pois que eu recorra a essas páginas encantadoras servindo-me de tuas palavras e de tuas idéias para traduzir a nossa homenagem.

Enaltecendo a glória dos heróis de Laguna e de Dourados cujos despojos foram encerrados na cripta do monumento erigido na Praia Vermelha tu disseste: A glória é o sol dos mortos. Ela é que é a outra vida. Só o olvido é o nada.

Ao morreres trágicamente, num contraste estravagante de uma longa existência de suave serenidade, tu iniciaste a outra vida a que te referiste, pois tua memória imperecível continuará a servir de fana! a todos nós, inspirando-nos na prática do bem e no cumprimento do dever.

Grande mestre que foste e grande escritor que tanto honrou e elevou as letras pátrias, tu sempre despertavas o nosso entusiasmo e admiração, pelo ardor e admiração da tua dialética e pela tolerância com que tratavas as que, como eu não, compartilhavam da mesma ideologia social.

Enaltecendo os grandes mestres que delustraram as cátedras da legendária Praia Vermelha tu tiveste conceitos que te aplicam maravilhosamente a tí e que eu traduzo com as tuas próprias palavras.

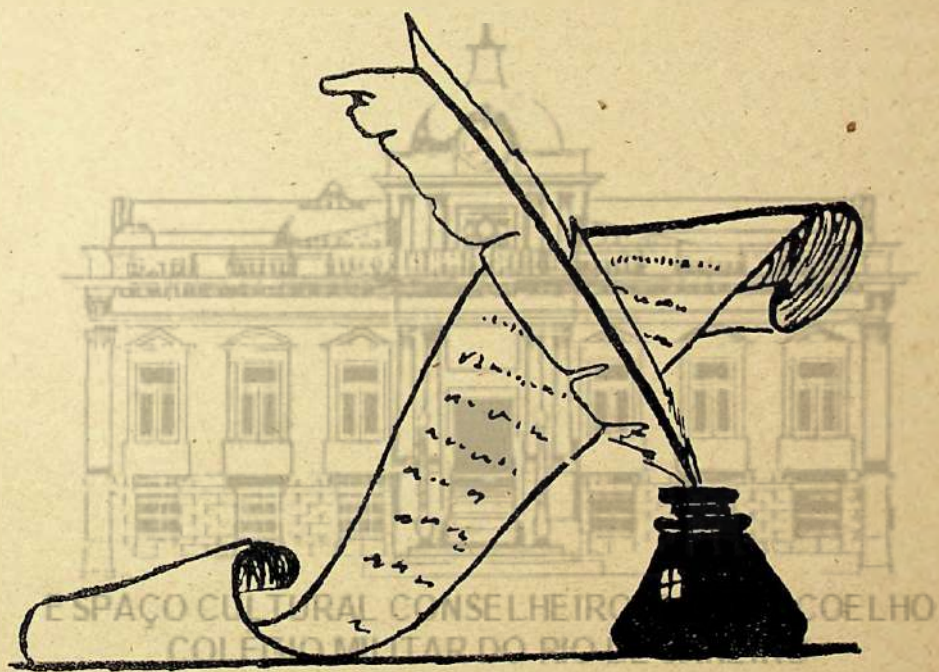
Tu foste um dos grandes mestres, dos maiores que o Brasil possuiu e que nas escolas do Exército espargiram a boa semente.

O teu espírito modelar sobrevive e sobreviverá sempre pairando sobre as abençoadas recordações daquela escola onde nos formaram o coração, o espírito e o caráter, preparando-nos para os embates da vida e incentivando-o para o bem os mais nobres estímulos de nossa natureza.

Em nosso espírito perpétuamente permanecerá a tua figura inesquecível como perdura a recordação de Benjamin Constant e dêsse grande mestre que tanto enaltecete o saudoso Coronel Roberto Leitão.

Partindo dessa necrópole nós não nos despedimos de tí, pois aqui apenas ficam, tristes despojos materiais, tu irás com cada um de nós, encorajando-nos e inspirando-nos para que possamos viver proveitosamente, servindo o Brasil que tanto amaste.

# Prosa



# A ALMA DOS BRONZES

WALTER PRESTES

A entrega do busto de Caxias aos cadetes das Agulhas Negras pelo general José Pessoa, inspetor da arma de cavalaria, deu um realce especial à data aniversária da Escola Militar, que há 133 anos, no dia 23 de abril de 1811, teve suas aulas iniciadas. No mesmo dia em que a cristandade festejou São Jorge, o patrono dos cavaleiros, a cavalaria brasileira, de tão belas tradições, ofereceu ao futuros oficiais de tôdas as armas o busto do patrono do Exército, o general que nunca foi vencido. O bronze de Caxias na casa dos que já são portadores do espadim do Duque da Vitória é mais um elo inquebrantável entre o passado glorioso e as aspirações nobres do presente. É um traço de união entre a experiência que orienta e o ardor que realiza. O frio metal que perpetua o guia do Exército há de se aquecer, ali, ao calor do entusiasmo jovem que o rodeia.

Ninguém melhor do que o soldado compreende o valor dos símbolos pelos quais êle vive e morre. A flâmula de um regimento é a alma que o conduz, como o pavilhão da pátria é o espírito da terra por que luta. Ainda agora, no mesmo dia em que o bronze de Caxias falou aos olhos dos cadetes, um outro bronze lhes falou aos ouvidos. É um velho sino fundido no mesmo ano de 1811, tão velho, pois, como a Escola. São mortas tôdas as cousas animadas daquêles dias jubilosos para o Brasil, quando a fortuna nos mandará de Portugal um príncipe regente, uma certeza de progresso é uma esperança de independência. No entanto, a voz do sino está viva e jamais deixará de

falar à alma dos jovens idealistas das Agulhas Negras. Cinco gerações de oficiais já passaram pela Escola, e os cadetes de hoje, formados no páteo, ouviram cinco badaladas compassadas do vetusto sino. A vibração solene e grave da alma do passado arrepiou a epiderme da mocidade esperançosa de nossos dias. Começa a se formar entre as magestosas linhas arquitetônicas de Resende o ambiente monástico e imperturbável em que se isolam por alguns anos os que se devotam ao sacerdócio áustero e grandioso da pátria. Extraordinário simbolismo êsse, numa época ameaçada de infâmia e corrupção, em que todos os freios morais e religiosos parecem impotentes para deter a ância do utilitarismo demolidor. Estou preso à tua voz, velho sino das Agulhas Negras, pelo que falas de pudor e honra, de cavalheirismo e lealdade, de estudo e devotamento, de dever e sacrifício. E de ti, bronze de Caxias, quero que te aqueças tanto entre teus amigos cadetes, que, como aquêle javali de bronze do conto de Anderson ao calor de uma criança que adormeceu sobre seu dorso, possas também te animar para repetir-lhes as palavras com que Dionísio Cerqueira pintou a bravura do patrono do exército na guerra:

"Quando êle passou, houve quem visse moribundos erguerem-se brandindo espadas ou carabinas, para caírem mortos adiante". E "quando êle passou pela frente do 16.º de infantaria, com as faces afogueadas e a espada curva desembainhada, foi preciso o comandante mandar — Firmes! — para que não o seguissem todos!"

# MEU RECADO PARA OS QUE JA' FORAM

**J. TIMBIRA**

Agora, êles já estão na Itália: o cabo Hélio Lima e o soldado Ricardo. Mas, para mim, êles continuam a ser o Lelé, que gostava de namorar, e o Doca, que não falhava no laço.

Invejo-os, meus amigos!

Quando o rádio, lá na vendinha do Salim turco, rompeu o Hino Nacional, houve um movimento de surpresa.

A vendinha estava quase vazia. Só estava eu, que ia para a fazenda, o velho Marciano e, atrás do balcão, o Salim e a Tonha.

Foi, então, que veiu a voz do rádio enchendo o "buteco". Ela dizia aquilo que eu e muita gente já decorámos: o primeiro desembarque do Exército, em Nápoles. A Tonha não esperou o homem do rádio acabar com a notícia, largou a gritar.

E, mais uma vez, veiu o Hino Nacional; porém, agora, êle vinha diferente. Vinha tão outro, que o Salim, imóvel, começou a chorar. As lágrimas despontavam em seus olhos e sumiam na barba negra de profeta, como nós dizíamos. A Tonha começou a acompanhar o Hino, que vinha vibrando no rádio. As minhas costas, o velho Marciano acompanhava os pedaços que sabia.

Eu estava mudo, porque se falasse... eu nem podia falar.

O Hino acabou e rompeu uma Marcha Militar.

A Tonha soltou um "Viva ao Brasil" e nós três respondemos.

Quanto entusiasmol

E vieram os abraços. Todos falavam. Ninguém se entendia. O Salim chorava que nem criança. O Zé da Nésia passou a galope pela porta da vendinha e abanou o cha-

péu. Nós todos gritamos. A Tonha trouxe a garrafa vermelha calculem — a garrafa de vermute — e despejou nos copos.

— A rodada é minha — disse ela.

— Não — fungou o Salim — é do Brasil.

Veio um viva ao Presidente e viramos tudo de um só trago. Houve mais alguns vivas e mais alguns copos.

Depois montei o "Pata-Preta", que escutara a notícia amarrado ao tóco da porta, e botei-o naquela marchinha picada que só êle sabe dar. E, na verdade, parecia que êle tinha escutado a bôa-noca: ia floreado pela estrada e lustigando o ar parado com a cauda.

O sol estava queimando.

Sabe, meus amigos, não vou esperar a chamada do Exército. Assim que acabar a "panha" do café, vou apresentar-me. E tomara que êles me aceitem.

Enquanto isso, vocês vão mostrando do que são capazes.

Cabo Hélio:

Você é um camarada de sorte, Lelé. A Lucinha disse que, quando você voltar, ela vai fazer as pazes, outra vez. Ela, até, não tem saído de casa.

Soldado Ricardo:

Sabe, Dóca, você tem sido lembrado. Ainda no rodeio, o doutor Leandro fez um discurso e chamou você de "campeão do laço". E tôda a gente bateu palmas.

E outro montão de cousas boas esperam vocês cá na terra, meus amigos; mas, primeiro, é preciso vencer. Muito breve, estarei com vocês. E, por favor, não acabem com a guerra até lá.

# “O MESTIÇO”

---



---

**HOLKAR DADTA**


---



---

Ele nasceu numa favela carioca.

Na noite em que veio ao mundo, não aparecia nem o disco de prata da lua nem o pálido lucilar das estrelas que nos acenam do infinito. Talvez por isso fosse preto.

Não tinha ainda três anos e já lhe não restava uma pessoa sequer que por ele velasse: o pai, não o conhecera, era incógnito; a mãe, minuada pela árdua luta pela vida, já não existia.

Estava, pois, o pobre pretinho, na idade em que, para outras crianças, tudo são flores, tudo, festas, tudo, alegrias, abandonado ao léu, sem nome, sem o precioso carinho materno, e o pior que é, com a “maldição” dos mestiços.

Foi acolhido em casa de uma família remediada, onde fazia, já aos cinco anos, trabalhos caseiros de alguma envergadura, e onde todos o tratavam com restrições e reservas. Era o primeiro a acordar, o último a deitar. Varria o quintal e cuidava dos animais domésticos. A qualquer hora do dia, mandavam-no à rua fazer compras. Tudo isso fazia doce e submisso, com um sorriso servil a se lhe aflorar nos lábios.

Comia sempre na copa, nunca brincava com as demais crianças e já com nove anos, escola êle só conhecia de nome.

A felicidade lhe não sorria, a sorte era-lhe madrastra, a vida começava a se lhe tornar um pesado fardo.

Pudera, era mestiço.

Êle já tinha 14 anos. Há três, trabalhava como caixeiro num sórdido armazem. Graças ao egoísmo desmedido dos “caridosamente” o acolheram não sabia pegar num lapis. Os símbolos alfabéticos, êstes foram-lhe, até então, “uns garranchos muito difíceis de fazer e que não prestavam p’ra nada”.

Agora, entretanto, faziam-lhe muita falta o ler e o escrever. Eram-lhe necessárias a leitura e a escrita, sem o que nunca passaria de um caixeiro de sórdido armazem,

humilhado, vilipendiado; enfim um preto vulgar.

Precisava instruir-se, distinguir-se, mostrar a essa humanidade tão egoista quão hipócrita que a cor de maneira alguma influe no intellcto, na intelligência na capacidade realizadora.

No cubiculo infecto, em que agora habita, estudava com afincio até alta madrugada as lições que a filha do patrão ensinava-lhe com um sorriso de môta nos lábios e um brilho de ironia no olhar. A tudo, porém, êle fingia ignorar e empregava-se a fundo afim de recuperar o tempo que criminosamente lhe haviam roubado.

As cinco horas do dia seguinte, quando os primeiros albores da aurora tingiam o horizonte opaco, lá se achava êle, firme no rude trabalho, como se não tivesse passado a noite tôda em claro, traçando garranchos inintelligíveis, mas que traíam a boa vontade com que foram feitos; soletRANDO ávidamente as letras de uma cartilha gordurenta que, por “piedade” lhe haviam dado em troca de dois cruzeiros.

Porém “querer é poder” e, pelo menos, desta vez, êsse adágio foi confirmado: aprendera a ler, sabia escrever.

Isso, porém, não lhe bastava, precisava ir além. Não queria nem devia dormir sôbre os livros dessa vitória espetacular, retumbante sôbre todos os aspectos.

Isso, os mestiços não poderiam fazê-lo. E continuou.

Vamos encontrá-lo agora no curso noturno de um ginásio.

Desde que lá ingressara sua vida piorou. Do seu minguado ordenado tinha ainda que separar a mensalidade. Por isso não raro foram os dias em que jantou pão e café.

Àparentemente, mostrava-se insensível às críticas e brincadeiras de mau gôsto de que era vítima; mas, dia a dia, reafirmavam-se no seu espírito a convicção de que devia vencer, os desejos insanos de “ser gente”.

Esmerava-se mais e mais nos estudos e

# MENSAGEM

Dirigida a 2.º Tnt. Enf. Virgina Portocarrero, por seu pai, Maj. Tito Portocarrero

Minha filha.

Os jornais reproduzem aqui fotografias e fazem comentários e elogios as enfermeiras brasileiras que se encontram no "front". Transcrevem citações dos altos Comandos, exaltando-lhes a conduta, a eficiência, da abnegação e espírito de sacrifício, consciência do Dever e coragem, em todos os setores de suas atividades, na sublime missão de que se acham investidas.

Essa atitude de nossas patrícias constitui o "leit-motif" das conversações em nossos meios, e as famílias das expedicionárias são testemunhas de como a alma de nosso povo vibra de entusiasmo e sincera admiração, manifestados em telefonemas e telegramas expressivos da sua comunhão, numa confortante, insentivadora e justificadora alegria, que nos empolga e compensa da saudade motivada pela ausência de entes queridos.

Paralelo aos feitos dos nossos bravos soldados, vêm as notícias do valor dessas patrícias, e o caleidoscópio de nossa imaginação, para aí transportado, acompanha, no cenário, onde os fieis detentores das tradições de Caxias, marcham empunhando o Pendão Auri-Verde, irmanadas no mesmo ritmo de acendrado patriotismo, as filhas diletas de Ana Néri, sob o Pálio sagrado da Cruz Vermelha.

As da sanguínea Cruz e os da refulgente Espada, completam-se, assim, no mesmo objetivo de enaltecem o nome do Brasil, por que tudo oferecem, felizes por lhe servirem, orgulhosos, aquelas e estes, por a êle pertencerem.

Não me surpreendem, minha filha, essas atitudes dos nossos soldados e das nossas enfermeiras. A uns e a outras inspira um ideal sublimado na causa da Humanidade e, porque ressoa em suas almas o apêlo dos oprimidos, a êles acorrem — os Paladinos da Liberdade, — alheios aos perigos no gesto alcandorado de solidariedade e de justiça.

Com êles estive em campanha e sei o

de quanto são capazes pelo nosso Brasil, êsses intemeratos Antônios João, prontos sempre a lhe oferecerem o sangue, as vidas, pela santa causa da Pátria.

Conheço, também, dos caractéres dessas almas de escol que são tuas companheiras na "JORNADA GLORIOSA". Com quasi tôdas privei e em cada uma vejo uma cintilação de virtude, digna do diadema que constroem com os eflúvios de piedade cristã e com que hão de cingir as próprias fronte.

Acompanho-as com a alma ajoelhada, reverente e cheia de emoção e, — porque não dizer? — de orgulho, mesmo, sabendo-te em seu meio, participando de suas penas e de seus successos, respondendo aos reclamos de nossos irmãos, como anjos imigrados do Céu, na santa missão da Caridade.

Em nossa casa, minha filha, há hoje um pequenino altar: sob o estandarte simbólico da Expedicionária, coloquei, numa peanha, uma estatueta, — a figura de uma enfermeira, amparando no regaço, um soldado ferido. Fiz gravar o teu nome numa pequenina medalha que está no pescoço da enfermeira. Esta por coincidência, tem traços fisionômicos de minha adorada filhinha.

E' aí, nêsse pequeno e improvisado altar, reprodução dêsse outro que trago no coração, que as lágrimas de minha saudade repetem no dia de teu natalício a minha oração noturna, por ti, por essas abnegadas heroínas e por êsses bravos que sem desfalecimento, estão dizendo, pela vez primeira, em outro Continente, que no Brasil não nasce apenas o café, mas outra árvore pujante, de cerne eterno e tronco inquebrantável, de fuste altivo e fruto sazonado, de raiz profunda e arraigada ao solo, formando sistema com a Terra de Santa Cruz. Essa árvore que aqui nasceu, e cresce e esplende, espargindo sombra amiga e acolhedora, é cultivada no sadio, consciente e imorredeiro Patriotismo dos brasileiros.

DEUS TE GARDE A SUA SOMBRA.

## AVE MARIA...

Os sinos redobram no alto das torres, os pássaros voam em bandos, chilreando.

Seis horas da tarde — AVE MARIA, CHEIA DE GRAÇA...

Cristãos nos interiores de igrejas, capelas, conventos, rezam suas orações fervorosas e suplicam a paz espiritual, ajoelhados diante a imagem do Onipotente.

Imitemo-los, rezemos todos os dias nesta hora sacrossanta, pedindo ao Criador que derrame a paz em todos os cantos do mundo, em todos os lares, pedindo-lhe que acompanhe nos campos

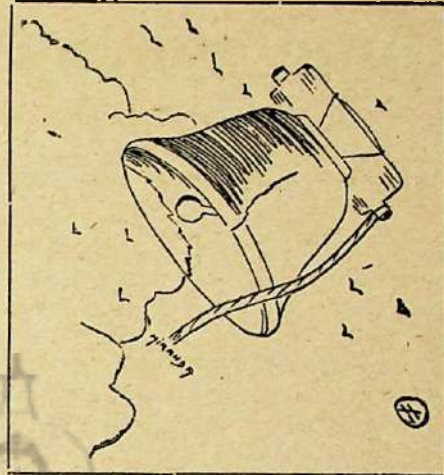
de batalha, pais, irmãos e filhos que abandonaram esposas, parentes, lares, para atenderem ao chamado urgente da pátria e que hoje se acham distantes, nos oceanos além, lutando todos irmanados, com os mesmos pensamentos, pelos princípios cristãos e pelas tradições de amor à Justiça e à Liberdade, que legarão aos seus descendentes.

Deus, que estais nas alturas, todos nós sabemos que sois infinitamente bom! Contemplai os mercedores de vossa bondade e de vosso perdão!

Iluminai com a chama de vossa oração aqueles que trilham o caminho do bem e da glória.

Derramai vossos ensinamentos sobre os que a vós suplicam e a vós contemplam. Dai abrigo aos sem tecto, água aos sedentos, agasalho aos que sentem frio. Irmãos, congreguemo-nos nesta hora bendita, para vencer a força bruta com a força espiritual, elevemos os nossos pensamentos a Deus, pedindo que nos livre do mal, e assim, então, o dia de amanhã surgirá feliz e alegre.

Pouco e pouco, sob os acordes do Angelus, o manto negro do anoitecer vai descendo mais e cada vez mais, dando lugar ao cenário luminoso das ruas da cidade. É noite. — AVE MARIA, CHEIA DE GRAÇA...



Ernani Miranda

# Aqui morreu um Brasileiro!

## L. GUASQUE

Quem és, viajante, que caminhas solitário por esta estrada ensolarada?

Quem és tu, pobre e estarrapado, que olhas para meu túmulo com tanto afeto?

Quem és, que não respondes? Acaso não me vês? E porque olhas tão demoradamente para a cruz que encima a minha lumba? Porque te ajoelhas? Porque rezas? Quem és tu, cavaleiro triste?

Ah, agora compreendo! Rezas por mim, por mim, que lutei por ti, que morri por tua terra, esta mesma que me enterra sob este céu de anil!

Sim; ouves, agora, minha voz? Escultas-me, cavaleiro solitário? Ouvirás, então, a minha história, a minha grande história!

Nasci, pobre viajante, no Brasil, no longínquo vilarejo de Tamaquari, às margens sussurantes do Paraíba do Sul.

Não sabes onde é, pois não? Não importa...

Pensa somente que fui criança como tu, que também corri pelos campos atrás das borboletas coloridas, também brinquei, também sorri...

Cresci, fiz-me homem. Trabalhava na fazendola, maneando o arado e cantando as belezas de minha terra. Cantava e lavrava, lavrava e cantava...

E vivia feliz...

Veiu, porém, a guerra, com seu cortejo de horrores e misérias.

Soaram os clarins da Liberdade, clamando os filhos do Brasil para a luta em sua defesa.

Rápido, em anseios patrióticos, apresentei-me e passei, então, a constituir mais uma parcela do exército do Brasil.

Treinei, aprendi a vibrar ao som do hino de minha pátria, marchei, cavei trincheiras...

Finalmente, em uma noite brumosa e fria, parti, sem um adeus, sem uma lágrima...

Lembras-te ainda do dia em que cheguei?

Eu vinha de longínquas terras, descera morros e serras, para livrar-te, a ti, pobre cavaleiro, do invasor que te ferreleava sádica e cruelmente.

E aí começou a verdadeira luta. Avanços e recuos, vitórias e derrotas, sacrifícios e recompensas, tudo eu venci, até que enfrentei a última batalha!

Ah! A última batalha! Como poderia imaginar que aquele era o meu derradeiro encontro? E é por isso, cavaleiro, que aqui estou, coberto por tua terra, queimado pelo teu sol, beijado por tua brisa.

Mas o pedaço onde repousei, este é meu, é só meu.

Acaso não o conquistei? Não morri por êle? Aqui jaz um brasileiro, Este túmulo é um pedaço do Brasil!

E neste céu, anil como o da minha Pátria, não terel também um pedaço que me pertença? Certamente, pois minha alma lá está, não vês?

Agora, infeliz viajante, agora que já me ouviste, segue teu caminho, mas pensa em mim, em mim, que lutei por ti.

E quando de novo por aqui passares, para cavaleiro triste, olha para a estrada, esta estrada grande e ensolarada, extensa e empoeirada.

Olha, mira a minha cruz, vê estes seixos nús que escondem, sob este céu de anil, um coração brasileiro, um herói do Brasil!

E reza, pobre viajante, reza por um brasileiro viril, que morreu febril, pela tua nação!



## OS DOIS CEMITERIOS

Hoje saí à procura de meu pai. Não fui ao cemitério de Vassouras, onde êle repousa ao lado de um cipreste. Entrei num velho belchior da rua Senador Dantas, numa loja estreita, comprida e escura.

Desde as portas, um amontoado das mais variadas cousas se oferece aos olhos dos que entram e dos que passam. Alí se encontra um pouquinho de tudo quanto se pode vender com prejuizo num momento de desespero de tudo quanto se pode comprar pelo melhor preço num instante difícil. Tanto são necessitados os que se desfazem como os que adquirem.

Há uma longa fila de cabides vestidos de casacos usados, cada um de uma côr, cada qual lembrando uns hombros diferentes, uns braços maiores ou menores, mas todos recordando um mesmo homem allí, que ali deixou sua própria roupa em troço de uma triste cédula de cinco ou dez mil reis.

Numa outra fila de cabides, suspensos a trinta centímetros do chão, alinham-se vestidos femininos de seda, multicores e variados, mas vasos de sentido, como se as mulheres que lhes tivessem dado relêvo e encanto se tivessem diluido e escapado por baixo.

O despertador que fazia erguer-se de madrugada o operário pontual jaz ao lado da boneca que tantas vezes dormiu nos braços da menina que talvez ainda ignore o paradeiro de sua amiguinha muda.

Por que entrei naquela casa sombria e desolada para procurar meu pai? Seu lugar não é lá em cima daquela colina cercada de um muro branco, atrás do qual, há uns dez anos, nasceu um flôr esquisita para atrair a atenção dos vivos sôbre os mortos? Até então, o pequeno cemitério só chamava para as suas alamedas a saudade dos que choravam seus mortos queridos. Quando

Walter Prestes

nasceu a flôr fenomenal, a curiosidade dos mortais transpôs aquele muro branco, na ânsia de uma explicação. Uma voz humilde e obscura da quieta cidade histórica se ergueu para explicar. Foi um velho escravo, um dêsses homens negros que, apesar da Abolição, ainda vivem no Brasil, na mais triste indigência, aguardando a verdadeira liberdade. Falou com tanta pureza que ninguém o compreendeu. Um monge muito caridoso, humilde e manso como Jesus, tinha morrido na cidade, depois de ter espalhado o bem entre os sofredores. Na hora extrema, os seus lábios articularam um único desejo. Queria continuar a ser humilde após a morte, e assim pedia que o sepultasse numa das alamedas do cemitério, para que todos pizassem sôbre a terra onde repousariam os seus despojos. Desejava uma sepultura sem cruz, sob os pés dos homens que êle tanto amara. E foi em cima daquele sepulcro anônimo que, numa primavera, desabrochou a flôr maravilhosa, inteiramente desconhecida dos botânicos. Era vermelha, carnuda, palpitante, e tinha a forma perfeita de um coração.

Si meu pai repousa atrás daquele muro, na mesma terra que gerou o estranho coração, porque vou procurá-lo no cemitério escuro e desolado de um belchior?

Êle não me deixou retratos, nem livros, nem manuscritos. Era um soldado obscuro e

modesto. Estivera em combates, mas silenciava seus feitos. Lembro-me de que, às vezes chegava triste do quartel, largava o boné sobre uma cadeira e punha-se a falar com minha mãe como se estivesse a fazer-lhe queixas, porque ela procurava consolá-lo. Passei afastado d'êle quase tôda a minha infância. Atravavam-no para as guarnições mais longínquas e eu ficava interno em estabelecimentos militares. Estava também me fazendo soldado.

... Um dia, quando êle descalçava as botas, percebi que o peito dos seus pés eram dois altos calombos. Perguntei-lhe o que significava aquilo. Êle respondeu simplesmente:

— Em 1893, na revolução, meu regimento, governista, ficou quase nú, e até os oficiais andavam descalços. Com os pés nos estribos, marchando a cavalo dias e dias seguidos, ficaram aí esses calombos, como lembrança.

Era assim meu pai. Tudo êle dizia e fazia com modéstia e simplicidade. Um dia, o seu corpo enrijeceu para sempre e calçaram-lhe uns sapatos novos sobre os calombos dos pés. Coberto com uma bandeira nacional, única coisa brilhante que teve sobre sí, desceu à terra com a serenidade de um soldado que morre na mesma obscuridade em que viveu.

Dei-lhe ainda uma lágrima antes da despedida. Foi em 1922. Êle tinha obtido sua transferência para o Rio e vinha, contente, assistir à festa da minha declaração a aspirante da sua arma. Primeiro filho homem que ingressaria no oficialato, trazia a sua espada para oferecer-me. Quando o navio chega a Santos, o rádio de bordo anuncia a revolta da Escola Militar! Todos os cadetes sublevados! Mais de duzentos tinham morrido em combates!

No dia em que me viu, afinal, eu estava numa prisão e tinha sido expulso do Exército. Tudo perdido para aquele pai amigo! Mas êle esconde a sua tristeza e sorri, entre as grades que nos separavam.

— Fizeste o que a tua consciência determinou. Hás de vencer em qualquer outra atividade. E eu te ajudarei, como se fosses de novo uma criança.

Êle nunca se revoltara contra autoridades constituídas. Condenava cegamente a

intervenção de militares na política. Prevendo o levante, tinha me enviado conselhos dias antes.

Mas passou entre as grades a sua mão de oficial superior, apertou a minha e disse-me:

— Estou satisfeito contigo, e aguardo o momento de ter-te novamente em casa.

Procuro loucamente meu pai naquele belchior da rua Senador Dantas. Ao passar por ali, naquela tarde sombria, não pôde anular em mim a idéia de que lá vê-lo lá dentro, no meio da sombra, apalpando aquelas roupas velhas de homem.

O coxeiro insiste em negar o que eu quero. Parece que não me compreende, porque me pergunta se prefiro comprar um terno muito usado ou relativamente novo — o senhor parece ser antigo na casa — explico-lhe. Deve lembrar-se de meu pai. Eu quero que me fale d'êle. Foi em 1922, no tempo em que estávamos presos ali atrás, no Quartel dos Barbonos, muitos cadetes da Escola Militar. Êle entrou aqui para comprar um velho terno branco, amarelado e poído. Tinham-nos arrancado a farda e precisávamos de uma roupa para sair. Era um homem forte e bronzeado, um índio que viera das selvas e vestira um fraque preto e um chapéu panamá.

— Ah! Lembro! Queria roupa grande, e ficou muito tempo a medir as pernas das calças. Contou-me que tinha chegado do sul para festejar a promoção do filho e o encontrara na prisão, irremediavelmente perdido.

Aqueles olhos tinham visto meu pai. Dentro das retinas do homem que compra e vende, na obscuridade da loja, projetara-se a figura querida do amigo que eu fiz sofrer, do pai que desceu à terra sem me ter visto vestir a farda que êle tanto amou.

Eu ouvira chegar à prisão com o embrulho de jornal contendo a minha pobre roupa civil. Como aparentava alegria, no alojamento, entre meus camaradas da Escola, ensinando-me a fazer o laço da minha primeira gravata! E agora, na mesma obscuridade do velho belchior, aquele homem que guardou nas retinas a imagem d'êle pinta-me um quadro que eu nunca tinha visto:

## “NATUREZA HOSTIL”

Norman Leite de Souza

Fazia mau tempo. As bátegas de chuva tamborilavam, nas vidraças das janelas do velho casarão da fazenda, com tal ritmo insistente e monótono, que provocava o sono. De quando em vez, um relâmpago, seguido de formidável ribombo que estremecia os alicerces da antiga construção, rasgava as trevas da noite medonha, projetando na sala, apenas iluminada por um lampeão e onde estávamos reunidos a conversar, apesar da tempestade, sombras fantásticas e assustadoras, que por segundos nos precipitavam num mundo irreal e tenebroso. Lá fora o vento estrugia no arvoredado, qual serpe horrenda a estrebuchar na agonia da morte e a revirar tudo em seu redor. Ouvia-se, no meio do turbilhão, o cascatear da água que descia desenfreada, em catadupas, pela encosta de um morro situado nos fundos da casa. Dos beirais do telhado descia uma cortina líquida, pois as calhas, havia muito estavam entupidas. Mas, superior a tudo isso, verdadeiramente aterrorizador, era o rio que passava a pouca distância da casa, porém em nível bem inferior, cujo aspecto ciclópico podia ser observado, pelas vidraças, durante o lapso de tempo em que, em relâmpagos, se acendiam subitamente as luzes celestes; e esse aspecto nos ficava gravado menos na retina que no espírito, em razão da sua grandeza. A água, ordinariamente calma e cristalina, continha agora tanto barro que se apresentava vermelha, parecendo sangue a esguichar com força inconcebível da jugular aberta de algum monstro de proporções incalculáveis. Trazia ela, além dos detritos comuns nos dias de chuva, os troncos de árvores arrancados à terra, e que se apresentavam completamente despojados de seus ramos, pela violência dos combates furiosos contra as numerosas pedras do leito do rio. Blocos de rocha eram transportados como se fossem seixos, fazendo com que, voltando o rio ao seu curso normal, seu leito apresentasse aspecto completamente diverso do conhecido. O barulho produzido por uma queda d'água comumente insignificante, repercutia por toda a região, como a trovoadas; mas enquanto esta se produzia com intervalos, aquele era contínuo.

Sentados a redor da mesa íamos iniciar um jogo de cartas, quando um velho empregado da fazenda, impressionado vivamente pela hostil atitude da Natureza, se lembrou de contar o que acontecera, uns vinte anos antes, naquela mesma fazenda, porém na serra que a mesma compreende, e que teve como causador, o mesmo rio que agora parecia querer arrastar o mundo.

Faz muito tempo, disse o velho, talvez mais de vinte anos, que esse rio encheu como nunca o fez até hoje, com exceção daquele dia, ou, melhor, daquela noite. Morava eu com minha mulher e mais seis filhos, numa casa de sapê, na serra que passa por esta fazenda. A alguma distância de minha casa morava meu irmão, havia bem pouco tempo, pois terminara recentemente a construção da sua moradia. Com ele viviam a mulher e filhos e a nossa velha mãe. Por essa época não nos dávamos, em virtude de uma rixa.

Certa noite, após um dia em que ventou como raras vezes, desabou tal temporal que, em poucos minutos corriam até dentro de casa pequenos regatos. Assustados, fomos dormir, esperando que a chuva terminasse, sem maiores consequências. Já passava de meia-noite, quando fui acordado por enorme barulho que me deu a impressão que o céu caía sobre as nossas cabeças. Aterrorizado, acordei a mulher e os filhos, pois percebi que o volume da água que descia do alto, onde ficava a casa de meu irmão, era cada vez maior, e já com força suficiente para abalar-me a casa. Próximo ficava um grotão de pedra, cujo acesso era difícil; mas, arriscar-me a ficar onde estava era expor a vida não só minha como dos meus. Então, com enorme sacrifício, transportei, ao vento e à chuva, no meio do mato e da lama, cada um dos meus filhos, pondo-os em relativa segurança. Hoje, pensando nisso, não sei como tive forças para tanto, pois as crianças choravam desesperadamente, arrancadas ao sono naquelas circunstâncias; uma delas caiu na escuridão, tendo quebrado uma perna, o que lhe aumentava os sofrimentos, assim como os meus. Consegui levar para a gruta, ainda, algum agasalho e um lampeão de querozene que não conseguia dissipar as sombras que nos rodeavam. Nesse estado passamos

---

Continua na pagina seguinte

---

a noite mais terrível de que tenho notícia. Mas, como verão, ainda fomos felizes.

No dia seguinte, aos primeiros clarões da madrugada, cessara a chuva; e, apesar do vento gelado persistir, fui ter à casa de meu irmão, ver se êle precisava de auxílio. E qual não foi o meu desespero ao chegar ao local em que ficava, isto é, ficara, sua casa! Desta só restavam uns poucos madeiros, que, fincados no chão, resistiram. Nada do que fora o interior da casa, via-se apenas, uma camada de lama, que sepultava tudo o que não tinha sido arrastado pela água. Aqui e ali, via-se a ponta de uma colcha ou cobertor, quase irreconhecível. Alucinado fui a procura de socorro.

Depois, acompanhado por vários outros lavradores, cheguei ao local em que se havia dado o tristíssimo acontecimento. Munidos de pás pusemo-nos a remover a lama que tudo encobria. E o que se apresentava aos nossos olhos, não o posso descrever:

eram os corpos de algumas crianças e o de minha mãe, que foram surpreendidos pela morte nas próprias camas; a casa devia ter desabado sobre êles, sujeita à enorme pressão das águas da enxurrada, desviadas das cabeceiras do rio de que tratamos. Esta hipótese justificava o barulho que despertou.

Por êste rio passou então tudo o que foi trazido da casa, inclusive os corpos dos que não tinham ficado enterrados; dias depois fomos encontrá-los no meio do campo, para onde a água os tinha levado, já em adiantado estado de decomposição. E onde eram enterrados, pois já não podiam ser removidos.

Extremamente comovido pela narração, o velho não pôde continuar, e respeitamos o seu silêncio.

Não houve comentários. A noite já ia avançada, e resolvemos nos recolher para dormir ou, pelo menos, tentar fazê-lo.

## "O MESTIÇO"

HOLKAR DADTA

Continuação da pagina 13

atingiu a meta desejada, foi o primeiro da turma.

E as línguas ferinas e despeitadas não se cansavam de dizer: —

— "Quem diria, um preto o 1.º aluno, que vergonha para nós!"

A vida tem dessas coisas... para o mestiço...

Muitos anos já são passados. Tinha terminado o curso de Medicina.

Na festa da colação de grau, todos tinham pais que lhe abraçavam e madrinhas bonitas para lhes entregar os diplomas.

E lá estava êle, sozinho, abandonado, esquecido de todos, enquanto lágrimas mal sustidas "de emoção" corriam-lhe pela face de ébano.

Que mal havia nisso, não era êle mestiço?

Foi um emérito cirurgião. Fez milagres no campo da Medicina. Salvou inúmeros doentes das garras tétricas da morte, os quais, quando se viam a salvo de qualquer perigo, limitavam-se a pagar-lhe "com um

brilho de desdém e repulsa no olhar.

Nunca ninguém lhe dirigiu palavras de aplausos. Jamais ouviu uma palavra de agradecimento dos que lhe deviam a vida.

Muito natural, êle era um mestiço...

Um dia afinal não pôde mais suportar aquela vida.

Negou-se terminantemente a atender um doente grave que pouco depois faleceu.

Retirou-se para a sua casa, triste, amargurado e desiludido, onde terminou os seus dias sem que daquela humanidade hipócrita, egoísta, pernóstica e ingrata viesse uma palavra sequer de consolo.

E muito tempo depois da sua morte ainda se ouvia dizer:

— "Sempre a mesma coisa, negro quando não suja na entrada tisma na saída".

.....  
 Numa aléia sombria, onde as copas dos ciprestes impediam que o sol beijasse a terra, ergue-se uma campa rasa, semi-desfeita, onde num tosco epitáfio lê-se:

"Aqui jaz um mestiço".

# SEMPRE ASSIM, SEMPRE

C. C. NUNES

Tumulto.

Gritos ecoam de todos os lados e a confusão domina a pequena vila.

O inimigo tomara a pequena praça, chave de abastecimento das tropas defensoras.

Muitos dos que possuíam carros conseguiram refugiar-se em lugares seguros. Ao passo que os mais pobres, ou os que não dispunham de condução, foram obrigados, em meio da fuga, a dar meia volta, acossados pelas motocicletas da vanguarda invasora.

Os modernos hunos dominaram a situação.

A polícia secreta capturou as pessoas mais destacadas, como reféns, esperando, assim, evitar represálias. O depósito de abastecimento foi logo isolado, e estabelecido racionamento geral, inclusive aos medicamentos.

Começou o reinado de terror.

Decorreu um mês.

O povo oprimido dá cabo de suas últimas reservas de alimentos, cuidadosamente escondidos; começa a miséria.

Em todos os lares reina a aflição e fome. A maioria tem seus doentes, porém não há médicos, remédios, e a comida é imprópria.

Num desses infelizes lares, vamos encontrar uma pobre mãe, já encarquilhada, com a mão trêmula e ossuda sobre a testa febril de seu único tesouro, o filho ferido em defesa do solo pátrio.

Aquele filho, que com tanto sacrifício educara e para quem sonhava as maiores glórias e alegrias, ali, num catre imundo, exposto a ser descoberto e sumariamente fuzilado pelo inimigo implacável, ainda é seu pensamento constante.

Que mal fizeram eles para que, após tantos esforços e sacrifícios, estivessem su-

jeitos a mais essa desgraça? Já não lhe bastara a morte recente do chefe da família? E a velha mãezinha procura consolar o filho, que pede alguma coisa que lhe possa minuar as dores atrozes, que o dominam sem tréguas.

— Mãe! Ó! Mãe! Alivia-me, que já não posso mais resistir a tanto sofrimento! Eu morro! Sufoco! Dá-me ar, qualquer coisa que me livre desse sofrimento horrível, depressa mãe!

E, então, a infeliz mulher baixa a fronte macilenta e enrugada, para que o pobre filho não lhe veja as lágrimas.

Olha o sangue do seu sangue, e pensa pela centésima vez, em uma hora, no que dará ao seu querido paciente, pois o cartão de racionamento já está esgotado, e ela não se atreve a pedir a outros, porque receia que os olhos alertas do inimigo descubram seu segredo. E teria ela, por acaso, forças para se levantar da miserável cadeira onde, há quase vinte e quatro horas, vela pelo extremado filho?

E' bem possível que não.

Mas eis, que um barulho súbito tira-a do triste enlêvo. E' o tinar característico das armas de uma patrulha inimiga.

Ela sente o velho peito e o esgotado cérebro como que singidos por uma tenaz inflexível.

No momento chama por todos os seus santos, reza num fervor com que só uma mãe aflita poderia rezar.

Escuta, então, a voz fraca que lhe diz:

— Mãe, êsse barulho me incomoda, mande-o cessar!

Ela procura erguer-se, mas enfraquecida, semi-atordoada, tomba sem sentidos.

Quando torna a si, recorda-se de pronto da patrulha inimiga.

Rejubila-se ao ver o filho como que a dormir. Estava ainda a salvo.

# “O CONVITE”

ASBRUBAL P. DE ULISSÉA

Não podia ser!

Um convite de Machado de Assis!... Ora essa, como poderia êle saber que eu existo e, muito menos, pedir o meu reconhecimento ao jantar com que desejava comemorar seu aniversário natalício.

Além disso, êle morrera há muitos anos.

Mas o envelope ali estava nas minhas mãos e com a assinatura do mestre.

Passei a noite, pensando que resolução tomar.

Enfim, decidi que iria.

Lia-se no cartão, um pouco abaixo em letra miúda: Rua Matacavalo, 20.

Não precisei, porém, me preocupar com a condução. No dia marcado, pouco antes da hora convenionada, vejo um tilburi parado à porta de minha casa. Olho espantado, porque julguei que já não existisse esse tipo de carro no Rio e em parte alguma.

Quando chego à rua, o cocheiro que ostenta pomposo uniforme, se aproxima de mim e pergunta o meu nome. Diz, em seguida, que está à minha disposição para conduzir-me à residência do pai de Yayá Garcia.

Mais embaraçado ainda, entro na elegante carruagem e deixo-me levar.

Momentos depois, chego a uma casa, a qual não se poderia dizer que fosse velha ou nova. Sua aparência, contudo, era de um lar bem cuidado.

Um empregado, de porte garboso, à entrada toma do meu chapéu e solicita que o acompanhe.

Sou levado à presença de idoso senhor, no qual reconheci o autor de Quincas Borba.

O salão era vasto e estava ornamentado de belos quadros.

Rico candelabro pendia do tecto, iluminando o recinto.

Num canto, em animada palestra, vi o romancista de Iracema e Aloisio de Azevedo. Sentado em amplo solá, com as pernas cruzadas e o colarinho roto, Laurindo Rabelo conversava com Fagundes Varela e Alberto de Oliveira.

Isto tudo havia eu reparado num lance de vista.

Machado de Assis estende-me a mão e diz que me convidara por saber, por intermédio de Humberto de Campos, que eu era um dos seus mais sinceros admiradores, entre os alunos do Colégio Militar.

Agradei, meio perturbado, e perguntei-lhe como o autor de "MEMÓRIAS INACABADAS" soubera disso.

O semblante do mestre tornou-se sério e parecia querer revelar algum segredo, quando se ouvem os primeiros acordes do "O GUARANI". Olho e diviso Carlos Gomes regendo a execução de sua imortal página.

Nisso alguém bele-me ao ombro e ouço uma voz familiar.

Era o "Zé Carioca", inspetor da 5.<sup>a</sup> Cia., que me dizia: "se o senhor não levantar, tomo seu número!"

# Um Arvoredo prostrado

## antes de produzir



O arvoredo cresce, viçoso e exuberante, no meio da floresta, buscando o sol, o céu, estirando, garboso, seus ramos pelo espaço, impondo-se ao vento e procurando vencer as tempestades. De repente o machado do homem corria-lhe o tronco e o arvoredo cai inerte, antes de alcançar o céu que buscava...

Assim o fosse, Gerdal Ferrari: um arvoredo que mal começava a florescer e a vicejar, buscando esperançoso o céu da glória, quando o machado da morte cortou-lhe o tronco da vida, e lombaste com tua ramagem de ideais e aspirações sem conseguites alcançar o céu que procuravas.

Teus companheiros — também arvoredos na imensa floresta — também arvoredo queda. Tu eras, entre as promettas subir e lançar teus ramos, firmes e fortes, pelo espaço; crescias valente sem temor aos ventos nem as tempestades; agitavam-te sem te aperceberes. Tua queda jamais poderiam eles imaginar fosse tão repentina. O machado da morte, porém, indiferente e belo, faz cair o cedro ou o jacarandá jazendo no seio da imensa floresta que ruiu, prostrado, porém, não mais vicejara. Este arvoredo, porém, não mais vicejara. Passará a ser qualquer coisa de útil ao homem que jamais procurará nela encontrar o arvoredo, desmanchar-lhe-ás, aqui na terra, em cirzas, mas florescerás eternamente, na memória daqueles que te admiravam e no coração daqueles que te amavam — o arvoredo prostrado, aqui na terra, pela morte, antes de produzir, crescerá novamente e frutificará, nos seus espíritos, o fruto arrejado da saudade, Gerdal Ferrari!

A Direção

# DESPEDIDA

OCTAVIO TEIXEIRA

Numa manhã radiosa de sol, Linda recebeu a triste notícia do próprio marido. Haviam os dois acordado e estavam à mesa para tomar café, quando êle falou:

— Querida, receio que fiques triste com o que te vou dizer, mas é preciso.

Achavam-se casados há quatro anos e sempre tinham vivido cercados de felicidade.

Casaram-se em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, quando Ricardo, que era tenente de Cavalaria estava ali servindo. Conheceram-se numa festa, amaram-se e depois de algum tempo uniram-se como se jamais se fossem separar.

Entre os dois havia uma união tal que a todos ficava patente o amor mútuo.

Ricardo era um jovem alto, forte, alourado, apresentando requisitos que atraíam a qualquer moça. Sua esposa, Linda, era morena, um pouco mais baixa que êle, bonita, tentadora mesmo. Mas o principal era que se amavam e tão unidos eram que já mais pensavam na separação.

Por alguns minutos pesou sôbre a sala um profundo silêncio. Os dois se entreolhavam...

Ricardo continuou:

— Linda, como sabes estamos em guerra. Ontem quando estava no quartel o Comandante falou-nos que a qualquer momento iríamos partir.

Linda franziu as sobrancelhas e fixou os grandes olhos esverdeados no seu marido. Por um momento ambos permaneceram imóveis, até que, Linda atirou-se-lhe nos braços, soluçante.

— Querido... Foi a única exclamação que saiu dos lábios. Apertou-o fortemente como se fosse naquele momento perdê-lo.

Até a natureza concorreu para a beleza

daquele quadro. O sol deixou de ofuscar por um momento e as flores quedaram murchas como de tristeza.

Ricardo compreendeu então quanto amava sua esposa. Pegando-a pelo queixo, levantou-lhe a cabeçinha morena que por ser tão pequenina parecia não caber tanto amor. Duas lágrimas rolavam-lhe pelas faces. Contemplou-as, viu-as percorrerem-lhe o rosto e logo após outras as seguiram. Tomou então às mãos a linda cabecinha de Linda e beijou, num lânguido beijo sua boca mimosa. Parecia um beijo de despedida aquele. Duas bocas unidas como se naquele beijo estivesse todo o amor de cada uma daquelas almas... E o resto do dia passaram-no calados. De quando em vez uma doce palavra quebrava a monotonia daquele par amoroso.

Passaram-se dois dias. Afinal fôra dada ordem de partida. À porta, ambos silentes, Ricardo e Linda, procuravam guardar, entreolhando-se, as imagens vivas de cada um...

Lágrimas... Soluços... Depois, tudo silêncio...

Assim são tôdas as despedidas. Cortam-nos o coração e abrem-lhe profundas chagas. Chegam mesmo a nos fazer ver quanto gostamos de uma pessoa. Não é junto a ela que vemos se a amamos. Não, é longe, no meio do desespero, da aflição, da morte; aí sim, é que descobrimos um sentimento que antes estava oculto em nosso seio. Isso são cousas do destino e que contra elas devemos lutar.

Despedida!... Quem sabe se algum dia não serei forçado a fazer uma? Quem sabe? o futuro, nenhum mortal o conhece. Fa-la-ei?... Isto, Deus nos dirá depois!



# ☆ A FORMIGA ☆

A ASPIRAÇÃO registra com a maior simpatia, a adesão do tradicional Colégio Militar ao empreendimento salutar e altruista do Dr. Antonio da Silveira Salles, idealista e dinâmico patriota, concretizado na associação de todos os jovens colegiais do Brasil, denominada "A Formiga".

"A Formiga", por demais conhecida de todos os jovens colegiais brasileiros, ainda não havia transposto os humbrais desta casa de Thomaz Coelho, não obstante, suas atividades altruísticas, culturais e patrióticas se contarem por mais de um lustro.

"A Formiga" se propõe à preparação moral e cívica da juventude brasileira, afastada de qualquer orientação político-partidária, abrigando em seu seio, todos os colegiais brasileiros, sem distinção de raça, crença religiosa, etc., que a torne organização facciosa.

Sua orientação baseia-se no programa, traçado por seu idealizador o Dr. Antonio da Silveira Salles, de inculcar nos jovens o espírito de cooperação, de altruismo, de disputas culturais e desportivas, de intercâmbio amistoso entre os corpos discentes de todos os Colégios.

A obra que este grande idealista vem realizando, só a posteridade julgará, quando as "formiguinhas" de hoje forem os homens públicos de amanhã.

O ano de 1944 foi fecundo de iniciativas, para a vida laboriosa da "A Formiga". Nada menos de seis concursos foram realizados sobre a orientação da Divisão do Ensino Extra-Escolar do Ministério da Educação e Saúde, com a colaboração do simpático vespertino carioca "O Globo" e suas publicações "Gibi" e "O Globo Juvenil".

Foram patrocinadores desses concursos, os Exmos. Srs. Ministros da Guerra, Marinha e Educação e Saúde, a Companhia Mate Laranjeiras, a Companhia Baldomero Bar-

Barbará e Companhia Siderúrgica Nacional, com prêmios de viagem para dezenas de colegiais acompanhados de professores y Escola Militar de Rezende, Escola de Grumetes "Batista das Neves", em Angra dos Reis; Ouro Preto e outras cidades históricas de Minas Gerais; Fóz de Iguassú, Arcobelo e Volta Redonda, respectivamente.

Da viagem à Fóz do Iguassú, participaram os nossos colegas do ano passado 139, Carlos Henrique Henring, e 497, Rodolfo Azzi, premiados em 3.º e 5.º lugares, no respectivo concurso.

O Colégio Militar criou o seu formigueiro, que tomou o n. 155, por iniciativa do Tenente Antonio de Andrade Moura Sobrinho, Prof. Dr. Carlos Juliano Torres Pastorino, e dos nossos colegas Ernani Miranda, Agnelo Sobreira, Elbio Vargas e Otávio Teixeira, com a aprovação de S. Excia. o Sr. General Oscar de Araujo Fonseca, nosso digníssimo comandante. Para a sua instalação, o formigueiro escolheu o dia 19 de novembro de 1944, data consagrada ao Culto da Bandeira, afim de que maior fôsse o brilhantismo desta solenidade, o Colégio Militar recebeu a visita de representações de formigueiros de vários colégios desta capital; de S. Excia. o Sr. Dr. Abgar Renault, brilhante representante das letras nacionais e digno Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação, que proferiu eloquente saudação à Bandeira; do Dr. Antonio da Silveira Salles, presidente do Formigueira Central; de Diretores de vários colégios desta capital, etc.

A saudação aos formigueiros visitantes foi proferida pelo nosso colega Otávio Teixeira, que, em vibrante oração, cheia de civismo e ardor patriótico, empolgou a assistência.

A DIREÇÃO.

# Impressões de uma viagem pelo S, Francisco

ALADYR L. SANTOS

O véu pardacento da noite envolvia o arvoredo e se refletia na massa líquida. De um lado e outro do imenso lençol d'água, árvores juntas, formavam massas negras informes e já não ofereciam o espetáculo deslumbrante que me foi dado admirar quando, banhadas pelo sol, pareciam um extenso manto verde, todo salpicado de florinhas.

Não eram flôres o que viam meus olhos, não eram lâminas verdes que brilhavam à luz do sol; o que eu contemplava era um triste anoitecer, sem a luz das ruas, sem o deslizar dos carros no asfalto, sem o lusco-fusco dos anúncios luminosos, um anoitecer tão diferente do que eu já me tinha acostumado a ver... Olhando êsse cenário da natureza, tão novo para mim, algo estranho me envolvia.

Voltei-me para mim mesmo. Procurei analisar o que me invadia, o que me queria segredar êsse ar misterioso da noite. Era uma mensagem de amor desta formosa terra e confesso que, nunca desde que meus sentidos puderam compreender a natureza, senti tão intensa essa força que nos atrai e une à Pátria, que acolheu e amparou nossos primeiros impulsos.

O vapor continua a descer o rio. Um, dois, três, quatro dias já se haviam passado e eu via ainda terras do Brasil... A mata, ostentando todos os matizes em suas folhas e nas pétalas das flôres, as asas das irrequietas borboletas, a toalha do firmamento, de variegados tons, reproduzidos no espelho das águas, me diziam quanto é rica a natureza do Brasil.

De intrincado da mata, bandos alegres de aves elevavam-se, confundiam-se e de novo escondiam-se no místico de seu seio. Delicadas e alvas garças perfilavam-se ao longo das margens. E, quando se não tinha ainda recolhido o sol, vi brilharem as areias preguiçosas das praias.

E tôda esta beleza, exaltava o sentimento de amor à terra, levando-me a meditar. Olhos fitos na escuridão da noite, interroguéi

a mim mesmo: — Onde estão os filhos dêste solo? Já tantas vezes surgiu o sol colorindo as nuvens, matizando o céu e o mar, dando vida e perfume aos arbustos e flôres, e alegria aos homens e tantos poentes, meu Deus, encontraram-me na amurada do vapor e não vejo, os filhos do Brasil, os defensores de todo êste território.

Ali pobres mulambos de homens, talvez vítimas de uma inundação suas casas estão derrubadas, suas plantações foram destruídas; acolá, em um porto mãos, muitas mãos, que se estendem pedindo auxilio. Eu via em seus corpos e notava em seus olhos que precisavam mais que pão de trigo, necessitavam de pão vivo, de Deus, que talvez nem sabem êles que existem. Vi crianças carecendo de alimentos, não só para o corpo senão também para a alma, pobrezinhos que bem precisavam de algo mais que aquêle encher de tripas, algum trabalho mais educativo que aquêle esfregar incansável de roupas à beira do rio.

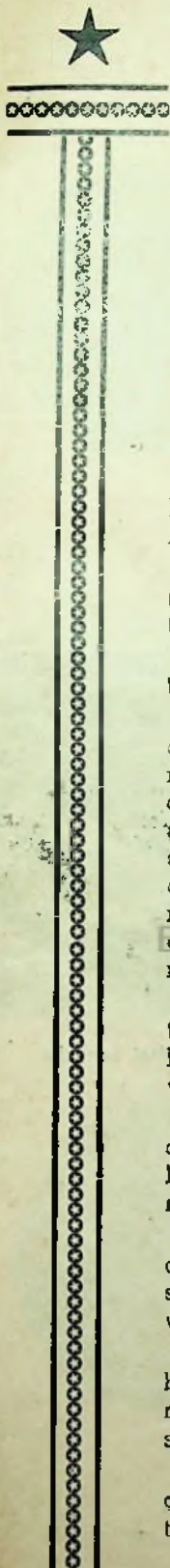
E' certo que encontrei indícios de atividade humana nas pequenas cidades que se erguem dentre a mata, enfrentando as forças hostis da natureza.

Mas como difícil se torna vencer os elementos, tais como o rio que, de quando em vez, investe contra o trabalho já tantas vezes recommçado pelos homens.

São destruídas as plantações e, em seu lugar, o mato desordenado cresce e é preciso, novamente, plantar.

Os homens que encontrei nestas cidades são, na sua maioria, pobres criaturas, descoradas e sem vida, cujos organismos estão devastados pelo impaludismo.

Ao que parece, quiz a natureza conservar ali tôda a luxúria e exuberância, e não fôsse o tesouro que a todos deslumbra e apaga da retina, a muita miséria dos irmãos que lá habitam, não poderia dizer o que agora sinto: Tenho saudades do mundo maravilhoso que encontrei no seio do Brasil!...



# Uma águia que tomba, um herói que nasce

Tenente Oldegard Olsen Sapucaia, do infinito que tu buscaste alcançar um dia, escuta esta singela homenagem, êste preito de saudade e admiração.

Alcançaste a suprema glória que só aos heróis é concedida, a morte em holocausto à Pátria, e a Mãe Pátria, embora enlutada, está orgulhosa de ti, filho amantíssimo, que lavaste com teu sangue sua honra maculada.

Tu morreste, mas vingaste a grande afronta feita a teus irmãos, bárbaramente trucidados no silêncio da noite, na solidão tenebrosa do Atlântico traiçoeiro, inermes e impotentes.

Por isso, para todo o sempre, enquanto palpitar um coração brasileiro, tua memória jamais será esquecida, pois és digno da posteridade.

Quando surgir a aurora de um novo dia, radioso, pacífico e feliz, tu descançará, no seio de teus camaradas, heróis como tu, que também souberam honrar o auri-verde pendão da nossa Terra, Caxias, Matias de Albuquerque, Tiradentes, Tamandaré, que te inspiraram nos cruentos combates em que te empenhaste; prepararam-te uma acolhida fraternal e amiga. Mas, enquanto esta noite tenebrosa que vivemos não ceder lugar ao dia festivo da libertação, enquanto os sinos, nos campanários das igrejas, permanecerem mudos e só se ouvirem o troar rouco da artilharia e o pipocar sinistro das metralhadoras, tú voejarás pelo espaço infinito, conduzindo teus camaradas à jornadas gloriosas e vitórias espetaculares.

Não olvidaremos aos vindouros que, um dia, teu sangue jovem e palpitante tingiu de rubro as encostas alvadias dos Apeninos, marcando, naquelas parágens, a passagem das hostes patrícias que iriam arrebatar aos invasores o velho e lendário berço de Garibaldi.

Tu não morreste em vão. Mostraste ao mundo admirado que não somos apenas a ovelha pacífica a que está acostumado. Em nós também vive um leão ferocíssimo que hoje move uma perseguição implacável aos que ousaram feri-lo quando dormia o seu sono quase secular.

Tenente Sapucaia, outros te sucederão; o leão vingará-se-á do covarde atentado de que foi vítima; a bandeira, envolto na qual, teu corpo baixou à sepultura — a bandeira de tua Pátria, drapejará, bem alta, no mastarêu da vitória.

Também o nosso amado Colégio, que há bem pouco tempo foi teu também está de luto. A Babilônia está triste e silente e as venerandas palmeiras que, pouco mais de um lustro acenaram-te as palmas em despedidas, soluçam o pranto sentido da saudade.

Todo o Brasil chora a tua morte. Êste Brasil que tu soubeste honrar, vingando o massacre de seus filhos; êste mesmo Brasil que saberá honrar a tua memória, vingando-te a morte.

# NOSSA TERRA



Viaduto do Chá



ESPAÇO CULTURAL CONSELHO  
COLÉGIO MILITAR DO



Vista aérea da bela capital gaucha



Salto Iguassú (3 Musqueteiros)





O Batalhão Colégio desfila diante às altas autoridades presentes



A demonstração do Dia do Soldado vista do palanque do Comando



O corpo docente administrativo assiste às solenidades do Dia de Soldado

# O COLÉGIO EM



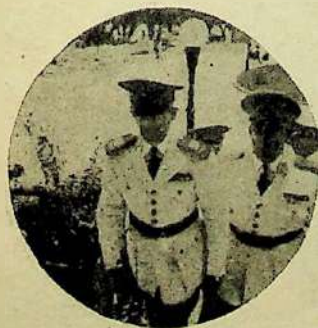
Em continência à maior autoridade, o Colégio desfila garboso



A guarda-banra espera o Chefe da Nação

# SOLENIDADES

ESPAÇO CULTURAL TOMAZ COELHO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO



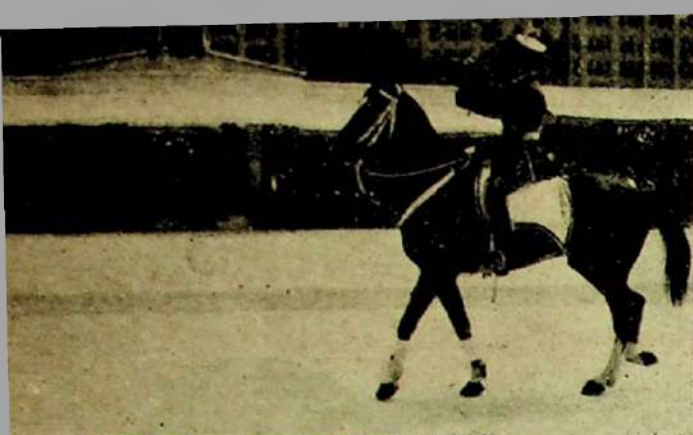
Generais Pinto Guedes e Coedreiro de Farias dirigem-se à Secretaria

O Batalhão Colégio em posição de sentinela, aguarda o início do desfile



Vista parcial da Praça Tomás Coelho após um desfile





Comandante aluno em continência ao Presidente Vargas



Os olhares da assistência voltam-se curiosos para a nossa mascote



Batalhão Colegial em desfile aos 7 de Setembro de 1944

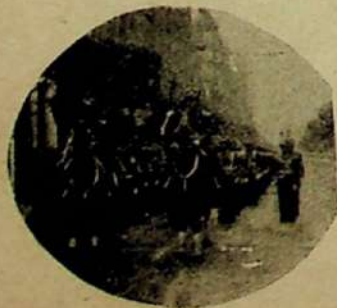
ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO  
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO



Aos acordes do Hino Nacional a bandeira desfralda

O Batalhão aproxima-se do palanque presidencial

A passos firmes e cadenciados, marcha o Colégio ante os aplausos calorosos da assistência



O C  
NOS D  
DE S

No p

Ge



Os guardas-bandeira irmanados iniciam o desfile de 7 de Setembro



Encabeçada pelo Sr. ...  
... o desfile de  
... de Setembro

Na Parada da Raça, avista o 2.º pelotão



# 7 DE SETEMBRO

da Silveira

O Colégio aguarda o início do Desfile da Juventude



E o Colégio vibra ante os aplausos da assistência

Em continência à bandeira, apresentam armas!





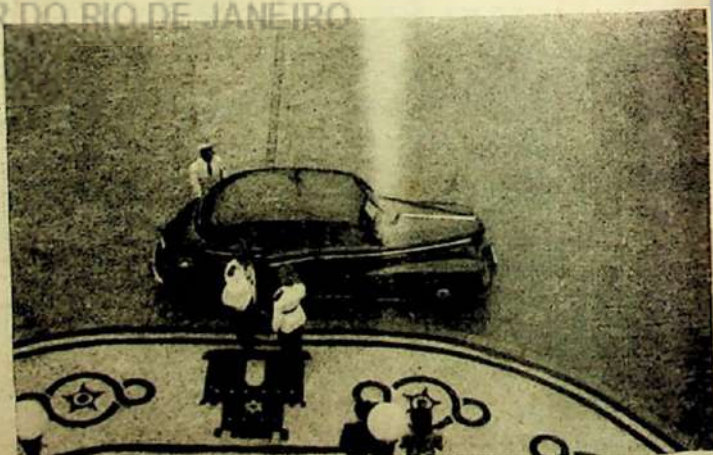
Gal. Cordeiro de Faria dirige-se ao Gabinete do Comando



"Corpo redatorial" de 1944



Hasteamento da Bandeira Sacrosanta de Nossa Terra



General Milton de Freitas cumprimenta o Coronel Ewerton Pinto, em uma solenidade interna



# Campanha Pró-Expedicionário

PALESTRA PRONUNCIADA PELO ALUNO ERNANI MIRANDA  
QUANDO DA ABERTURA DESTA CAMPANHA

Exmo. Sr. Gen. Comandante

Seleto Auditório, Boa noite.

Realizamos, também nós, a campanha do Expedicionário, em boa hora iniciada. Ela foi coroada de pleno êxito; e não podia deixar de assim ser, porque, nesta hora, mais do que em qualquer outra, hemos de ser mais brasileiros do que nunca, osculando, de joelhos, o "auriverde pendão de nossa Terra que a brisa do Brasil beija e balança".

Expedicionários do Brasil, soldados que Caxias forjou na ante-visão dos momentos supremos da nacionalidade, não ficareis deslembrados, não sereis esquecidos por quantos ficaram no torrão pátrio! Estaremos convosco em todos os momentos. Não sois apenas um pugilo de bravos; sois um símbolo vibrante do tudo o que é grande e que ficou na Pátria e, porque sois um símbolo, nós vos acompanhamos, modernos Cruzados de uma campanha grandiosa. Sois soldados de Caxias, o Herói nunca vencido, e sois da mesma estirpe, forjados na mesma têmpera, batidos pelos mesmos impulsos, bafejados pelos mesmos sópros de predestinação. Vossa vitória será a nossa vitória. Soldados que combateis distantes! Por isso, não combateis sózinho: não sois um grupo de aventureiros ousados, sem ideal, mas os representantes lidimos de uma Pátria livre, grande, enorme, colossal, cuja Bandeira, hasteada nos mastros, paneja imaculada aos ventos alviçareiros da Terra em que nascestes.

Soldados que lutais distante, combatei e vencei, que a Pátria vos espera, trazendo de volta, envolta na Bandeira do Brasil, a Liberdade que vos viu nascer, que vos deu força para lutar e coragem para vencer.

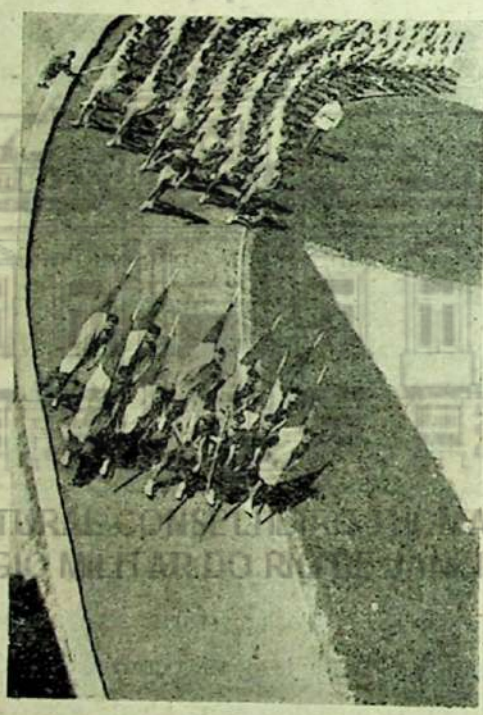




...e o Gerson perde um tento certo



A equipe do científico posa para a nossa objetivo

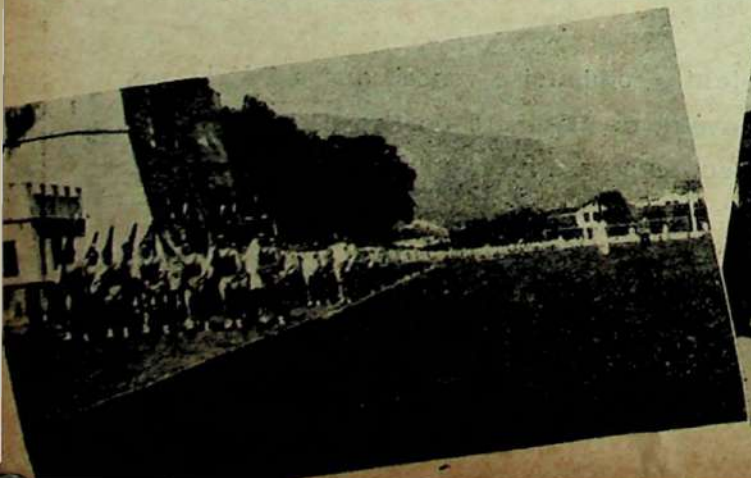


ESPAÇO CULTURAL DE SÃO CARLOS AZ COELHO  
COLÉGIO MELTADO RUI...

Atletas em desfile

Atletas em desfile no Dia do Soldado

Enil marca mais um ponto para os ginásianos



# Aos Heróis de Monte Castela

Na mais cruenta das guerras, uma das mais cruentas batalhas venceste-a, soldado do Brasil!

O mais alto e mais distante monumento da glória de tua Pátria ergueste com teu sangue, escrevendo no solo de um monte a mais bela página do heroísmo de tua gente!

Abriste, com tua bravura, mais uma porta que dará entrada ao sol da Liberdade na escuridão avassaladora do mundo!

Lançaste, com a tua coragem, mais uma pedra ao alicerce da paz e da felicidade dos povos soterrados nos escombros da guerra!


Arrancaste, com a tua fibra, mais um pedaço do tacho imundo da opressão esmagadora dos pequenos povos!

Os jornais encheram-se dos teus heróicos feitos e as bocas dos teus valentes nomes; os poetas cantaram-te a bravura e o Brasil sorriu com as tuas glórias porque venceste, soldado de minha terra, repetindo, com denodo, o heroísmo dos teus ancestrais. E não faltará quem te cante as glórias e não faltará quem se orgulhe de Ti — de Ti que subiste no monte e espetaste no seu cimo o pavilhão sagrado, de Ti que tombaste na subida, lavando com teu sangue o símbolo de tua coragem nas terras de além mar!

Venceste, soldado do Brasil! Do alto deste monte podes contemplar o infinito e ver a devastação que te esperava viesses libertá-la, e ver por que lutaste e ver porque venceste — venceste porque o teu ideal era mais nobre e mais elevado! O teu sacrifício podes vê-lo coroado de louros e podes erguer-te aos céus e dizer a Caxias que te soubeste fazer digno dêle!

Soldado do meu Brasil! Exaltar-te a glória é dever de todo o brasileiro que aqui ficou esperançoso sob a tua proteção. E eu te exalto nestas linhas, com o sentimento que, neste momento, me invade.

Glória, pois, a tí, soldado de minha Pátria, que ergueste o mais alto e mais distante monumento de heroísmo de tua gente no cimo deste monte maldito, que se tornou, para nós, sagrado, porque ficou, em seu solo, o sangue de um soldado brasileiro!



# “GAROTO”

AO MEU  
FERNANDO OSWALDO



MARIA APARECIDA SERODIO LOPES

Eu queria, garotinho, que tu saisses um momento da escola, que me desses a mão e deixasses pela primeira vez a tua classe de aula, a tua classe juncada de flôres e crianças pequeninas, para espiar o mundo lá de fora.

Dá-me a tua mão, Estás espantado, mas sorridente — é a novidade que te empolga. Desces devagar os degraus do colégio e principias a andar pelo mundo, com os anéis dos cabelos louros soltos ao vento, as perninhas medrosas ensaiando passos, a blusa branca de colegial e a gravata azul marinho...

Os teus olhos claros e meigos se abrem derrepente. Estás surpreso, não é? Tantos homens magros, gordos, altos, baixos, bem vestidos, que se divertem, riem e passam indiferentes; tanta gente maltrapilha, que trabalham o dia inteiro, não ri, nem se diverte; uma porção de crianças iguais a ti, mas que pedem esmola pelas ruas sujas e escuras, não vão à escola, dizem nome feio...

Porque os homens passam tão sérios para o trabalho? Uns chegam a te olhar, garotinho, mas não estendem a mão sôbre os teus cabelos louros. Sorris meigamente mas eles vão passando sempre, atarefados, testa franzida para os elevadores de ferro, que sobem até o último andar, pertinho do céu.

E tu espias curioso, entre tonto e maravilhoso, o mundo dos homens que deixaram de usar calça curta e de ir à escola; a grande escadaria da vida que todos tentam gal-

gar, numa luta fria e egoísta, degrau por degrau, mas donde voltam sempre desiludidos, mãos crispadas, coração insatisfeito.

Nada poderá saciar esta corrida louca esta sêde imensa de felicidade? Se crês na magia das palavras, sussurra, garotinho, aos ouvidos dessas mulheres que passam para os escritórios, fábricas e oficinas, para o mundo febril de todas as horas, sussurra ao lado dessas mulheres de rosto abatido e fatigado, um carinhoso “mamãe”.

Tua mãozinha aperta minha mão. Tens medo? Encolhes a tua cabeça loura no meu colo porque viste medroso os homens de raças diferentes, línguas diversas e de diversos credos, empenhados numa luta sanguinária. Tu não compreendes, não é mesmo? Eles feriram bandeiras, cobriram de luto seus irmãos arrazaram os lares de todas as crianças, mandaram as mães encherem granadas, cobriram os céus de nuvens agourentas...

Pedes tremendo para voltar — tu não podes mesmo compreender...

E eu te levo novamente à sala de aula juncada de flôres. Sentas na carteira e fico pensando com seria bom se não crescesses, e ficasses eternamente pequenino assim de calças curtas, com o rosto meiquinho sorrindo para a professora, a cabeça loura inclinada sôbre o caderno de escrita, dando aos homens que passam preocupados e aflitos, uma lição de infância, uma suave lição de vida...



O meu amigo Carlicínio

# A DESPEDIDA

**Renato**

**Cosar**

**Ferreira**

permitia. E viste, pacífica e corajosamente, o teu fim aproximar-se. O sofrimento que passaste era demasiadamente grande e êle te deu o descanso de que precisavas.

Foste, eu fiquei: deixaste um claro, que para mim jamais será preenchido. Terei sempre a firme impressão de que andas ao meu lado, com os mesmos pensamentos, idéias e pilhérias, que tinhas, quando em vida. Em cada obstáculo que eu vencer, minha retina reproduzirá a tua imagem, aquela que contente sorria.

As tuas aspirações eram as mesmas que as minhas. Tentaste realizar teus sonhos. A prova é que nunca recuaste perante os mais árduos empecilhos. Talvez tenha sido isso a causa dessa grande catástrofe.

A realidade é que todos os teus castelos foram ao chão!... Tudo destruído... Só uma coisa nasceu, e cada vez cresce mais: a saudade que temos de ti, Carlicínio!

Infelizmente tive que despedir-me de ti, Carlicínio!

Como foi tão amarga a ida daquele que em vida foi um ótimo colega e um verdadeiro amigo!

Ultimamente, eu sabia que serias forçado a separar-te dos teus. Em vão tentei animar-te. Sabias perfeitamente qual a estrada que estavas caminhando. Vendar teus olhos, era impossível. A tua cultura já não

---

## SEMPRE ASSIM, SEMPRE...

---

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 21)

Assenta-se, novamente, na velha cadeira e continua velando.

Súbito recorda-se que, antes de seu desmaio, o dcente querido estava febril.

Coloca a enrugada mão sôbre a face doentia e o gélido frio da morte lhe diz que sua última esperança findara.

Com lôrça quase que milagrosa ela sai do casebre.

Logo adiante encontra um destacamento inimigo a quem comunica que o filho falecera. Prontamente as autoridades de ocupação tomam conta da umilde morada.

Na mesma tarde é chamada para depoimento, quando confessa seu segredo.

No dia seguinte, o comando de ocupação baixa o edital que segue:

"AVISO":

Por decisão do tribunal militar, foi levada a efeito a execução de frau Maria... acusada de ter mantido escondido, em sua casa, um soldado fugitivo do exército inimigo.

Que isto sirva de exemplo e advertência à população.

Diante da taboleta de informações desfila o povo abatido, com ódio acumulado no coração.

Mas na face de todos lia-se claramente a esperança de melhores dias, que estão próximos.

# "O PESADELO"

## ASCENDINO

Mês de dezembro. Época de exames. Que calor!... O "Recreio Coberto", que é feito de teus alunos? onde está tua balbúrdia natural?...

Oh! que bobagem! já me havia esquecido que é época de exames orais e, não querendo quebrar o velho costume, já tradicional, vou recostar-me na gigantesca Babilônia e recapitular um pouco a matéria...

Mas que diabo! Como é que posso estudar? Pegam-me assim de surpresa, e logo para Geometria...

Só se ouvem reclamações; a banca de Matemática não está "sôpa"; o Latim está

"caveiroso"... o recreio com suas pilastras ouve, novamente, as mesmas interrogações: será que tiro os 3,5 de que preciso? oh! estou "roubado", preciso de 4 em Aritmética e com aquele "Irio"...; — como é, a Geografia está "espêto"? e o português?... Desilusão, as novas são desesperadoras... os professores cada vez mais ranzinzas...

Quantas vezes a Babilônia não ouviu estas pragas?...

E depois os resultados. Cabisbaixos, com forte tensão nervosa, ouvem-se os graus: — Fulano, 3. Que sortel! Sicrano, 2,5. Boa!; Beltrano, 4. Que azar! precisava apenas de 4,3, isto é injustiça, não pode ser... e sai, como muitos outros, com o diabo no corpo, amaldiçoando os professores e sofrendo dores atrozes só em pensar que em fevereiro aqui estará novamente, em 2.<sup>a</sup> época...

Ó, é verdade, tenho que fazer exame de Geometria e a banca não vai em conversas! Tenho de engulir todos êsses teoremas e muito ligeirinho — que êles não me dêem indigestão na banca... Chif! mas como eu vô!...

E tu Babilônia que a tudo vês, que a tudo ouves, porque continuas tão impassível e silenciosa? Tem compaixão de nós! de nós, que corremos à tua base para inspirarmos-nos em nossos estudos... Ah! eu desconfio de ti, um professor, em tom "piruativo", já comparou minha cabeça com a tua estrutura...

"Vamos para a sala de exames!!!"...

Oh! meu Deus, porque não fico calmo?... Está chegando a minha vez... como súo... O que? Sim, sou eu o Ascendino, porque? Ah! é a minha vez? .....

Oh! corneta bendita, salvaste-me bem na hora "H"... Uff! que susto, que pesadelo! Graças a Deus estamos ainda em agosto. Êste toque de alvorada foi-me providencial. Eu bem sabia que não podia comer repolho no jantar...



Vista parcial da Praça Tomas Coelho

# BOM DIA, MUNDO

Virgílio da Veiga

— Bom dia, mundo! Tua noite está linda, basta de dormir! As imensas grangenas que te enchiam o corpo estão quase curadas. Tens ainda na face uma chaga sangrando, mas tens os braços livres, enxugada com teu lenço!

Desperta, mundo! Vê que luzidia aurora, jae lindo alvorecer, que infinito horizonte te espera!

Ergue-te! Caminha em sua direção sem olhos para trás nem pro teu corpo — o objetivo é alcançá-lo! O que ficou atrás é demasiado triste e não bastarão tuas lágrimas para amenizá-lo. A fome, a escrovidão, a miséria, tudo passou e o que resta a fazer não pode esperar que te desmanches em prantos; as cicatrizes imensas que te cobrem o corpo não te enleirão a fisionomia, pois que significam mais que tua inútil vaidade são um momento erigido em teu corpo à custa de sangue, de lágrimas, de sofrimentos, são o monumento bendito da Liberdade dos povos!

Caminha, mundo, para a frente, sempre para a frente! Não te deixes novamente abater pelo egoísmo, não te tornes a curvar ante a tirania, não consintas que se opague outra vez teu sol, não olombes mais, mundo meu!

Por que lutar ainda o caminho a seguir se é ele

um só e reto? Não procures atalhos que te perdes no meio, não a tornes tortuoso! Confia em nós que te amamos imaculado, que amamos a paz e a liberdade, que amamos a igualdade e a fraternidade, que te queremos belo, mas sem vaidade, forte, mas sem pretensões, grande, mas sem complexos! Dá-nos a mão que nós te guiltemos: alastaremos do teu caminho os arbúsculos e te conduziremos ao cimo da montanha de onde poderás tocar o sol! Mas quando lá chegares, por favor, não procures elevar-te mais, poderás alucinarte com o ouro do sol e rolar, novamente por terra, como da outra vez. Nós estaremos atentos a teu lado, é certo, e procuraremos evitá-lo, mas não procures abusar, caso nos descuidemos, pois isto significaria desgraça, como a de que te acabas de livrar.

Acorda, mundo, não tornes a dormir! Confia em nós que, em ti, nós confiamos, não nos decepciones, porque não te decepcionaremos!

Desperta, mundo, já podes viver! Apruma-te, lançate à jornada, não há tempo a perder! Sorri! Mostra aos outros mundos que já podem sorrir. Cantal mostra aos outros mundos que já podes cantar.

Avante! Para a frente, meu mundo! Deus te acompanhe!

## Amor ao Natural

Cesário Corrêa de Arruda Filho

ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO

Amor é a recompensa dos homens à dádiva universal nos legada pela Natureza Divina. É a gratidão da Humanidade ingrata para com o Sábio Desconhecido, que a criou.

A Natureza devemos amar com especial afecção. Ela é a razão da nossa vida, das nossas labutas, dos prazeres e dos infortúnios. Deixar de amá-la, é o mesmo que negar afeto à nossa querida mãe. À ela, que é mãe das mães, sómente ternura devemos dar.

Como deixar de amar os belos pássaros, que, gargando suavemente, rampem o silêncio enebriante das manhãs?

Desprezar os cães não os podemos. Eles, que são verdadeira parte do nosso ser, que sofrem e conosco se divertem, o amor não podemos negar. Desdenhar as frondosas árvores, que com suas verdes folhas nos refrescam o ambiente, dando-lhe a aparência pitoresca dos desenhos famosos, jamais um homem de bem ousou fazê-lo.

Haverá alguém, que contemple indiligente uma noite enluarada, salpicada de estrelas piscadoras? Mesmo o mais leigo dos homens extaseia-se com o vitalizante "astro rei", embora desconheça seus mais recônditos mistérios.

Existe homem insensível à uma manhã passada no campo, onde a Natureza pulsa na mais intensa aceleração? Até o caráter mais corrompido põe-se em excitante frenesi com a placidez de uma manhã melódica, orquestrada pelas aves canoras e animais do mais variegado gênero.

A isso tudo dedico amor imperecível.

Porém, parece-me ter olvidado o terno produto da Natureza, poixão ardente dos homens endiabrados. Não amarei as mulheres, apesar de ser emanação natural? Não, é o retruco. A mulher já não se nos apresenta como a Natureza nos apresentou: seu caráter, fugindo à castidade imergiu na densa bruma do sensualismo, sua beleza já não é natural; seus lábios avermelhados pelo ciclamen dissimulam palidez gélida; seus cabelos perderam a graça primitiva: já não encantem de um branco respeitador — é a côr artilhica, o seu natural; seu corpo não mais personifica a castidade: banhado-se na água turva do sensualismo, deixando o límpido regato da santidade; suas unhas não mais adornam a delicadeza de suas mãos; assemelham-se às garras de animais ferozes.

E o mais emanes dos produtos naturais, amados pelos homens, já não mereço amor.

# O Plano Beveridge e um Plano Nacional

Extraído da revista Ciência Política, do Instituto Nacional de Ciência Política

"O progresso dos povos subordina-se a um imperativo inelutável e irrevogável que se condiciona inevitavelmente à oportunidade de realização. Uma verdade já é por demais conhecida e tradicional, condensando-se no aforisma que enunciava os latinos: "Natura non saltat".

"E o Brasil por muito tempo foi uma entidade de Direito Internacional que seguia à risca o que se encerra nesse aforisma, chegando mesmo a se caracterizar como caudário de outros povos.

"Sómente a partir de 1930 avançou-se nossa Pátria, tomando um sentido direcional que a distingue e particulariza entre outros povos pela prioridade que vai tendo uma série de realizações de tóda ordem. Dentre elas merecem consideração especial as que se referem aos serviços de previdência e assistência social realizados pelo Estado.

"Em tudo, porém, preciso é dizer que as fases de oportunidade atingiram seu climax e por isso fo-

ram realizados os benefícios sociais que fazem do Brasil uma espécie de Estado impar no ramo social.

"Vários estudos, em determinadas épocas, vêm sendo realizados, sem contudo atingirem à objetivação que seria de desejar. A êles, por certo, ter-se-á que atribuir ou conceder por motivo de relegação ou retardo de merecer aprovação ou execução à fatalidade de ambiência psicológica ou de oportunidade.

"Dentre êsses, necessário é lembrar, aqui, um notável trabalho realizado em 1931, pelo ilustre Professor Décio de Azeredo Coutinho catedrático do Colégio Militar. Membro que foi da 18.<sup>a</sup> Sub-Comissão da Comissão Legislativa instituída pelo então govêrno provisório, teve êsse mestre oportunidade de organizar um notável trabalho sôbre seguros, planejando a criação da Caixa Geral do Estado, com o que articulava em várias disposições tudo que se possa desejar para os estabelecimentos de seguros a tódas as pessoas.



# Filosofia



E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO  
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

# Nosso Templo Sagrado

**SYDNEI LIMA SANTOS**  
VICE-PRESIDENTE

A vida é uma sucessão de surpresas, e quando mais nos julgamos estáveis, vemos em derrocada todos os nossos planos. Foi, numa dessas avalanches da vida, que me vi, inesperadamente, interno no Colégio Militar.

Abriu-se-se, então, a porta de um novo mundo. Para ser sincero comigo mesmo, devo dizer que, ainda, não encarava a vida como devia fazê-lo, e neste regime em que nos vemos, repentinamente, afastados do carinho materno, em que se desvanecem as ilusões da vida, em que obtemos uma imagem da vida real, senti os mais diversos sentimentos. Era a saudade do lar que me torturava por um lado, e por outro, o novo ambiente que me enchia de tédio. Foi, nessa confusão de sentimentos — numa tarde em que, para amenizar a minha tristeza, contemplava a soberba Babilônia, que, apesar do peso dos anos, se torna, dia a dia, mais ativa — que despertei bruscamente dessa melancolia e fui conhecer a Sociedade Literária. Dela ouvira, apenas, conceitos emitidos. Quiz, nesse dia, também, ter o meu pora emití-lo e defendê-lo.

Era esse o meu propósito, ao transpôr os umbrais do Pavilhão Felisberto de Menezes e ao atravessar os corredores que nos conduz ao salão de sessões da Sociedade Literária. Em lá chegando, maravilhei-me com o que podiam os meus olhos ver e, concluí que era a Sociedade Literária o que preenchia a lacuna do meu espírito e também completava a minha educação sob os pontos de vista moral ou intelectual.

A Academia Brasileira de Letras é o

maior expoente da literatura no nosso país. Reunem-se nela os homens de maior cultura. E, ainda, o auge da felicidade, a maior glória, o máximo prêmio que pode conseguir um homem de letras. Imortaliza qualquer mortal. A Sociedade Literária é a nossa academia. Nela temos liberdade de pensamento, nela expandimos nossos ideais, nela burilamos nossos sentimentos de amor ao Colégio e à Pátria. Inúmeros são os que, por esta sacrossanta Casa de Tomaz Coelho, passaram e orientaram seus passos na Sociedade Literária, para percorrer os íngremes caminhos dos conhecimentos literários. Inúmeros são os que gozam de elevado conceito nos círculos literários do país, e que, na Sociedade Literária, iniciaram não só seu amor às letras, bem como aí o desenvolveram.

A finalidade deste artigo é incitar os que ainda não frequentam as nossas sessões, a fazê-lo o mais rapidamente possível.

Colega semi-interno, é a ti especialmente que me dirijo. Sei que desconheces, quase que totalmente, a Sociedade Literária. Passa a frequentar nossas sessões e verás quão aprimorados serão teu caráter, teus sentimentos, tua cultura, teus ensinamentos, tudo enfim de que necessitares para vencer na vida.

O passado é, segundo Byron, o melhor profeta do presente. Volvamos, então, ao passado e teremos um retrospecto do papel importante que tem desempenhado a Sociedade Literária na formação de muitos dos grandes homens de letra. Não é justo que hoje a deixemos abandonada, devemos man-

# “A palavra ao Ultimo Pacifista”

J. G. DE ARAUJO JORGE

Nada de lamentos inúteis... nada de lamúrias  
inglórias...

Em verdade

para os olhos cegos de dor da humanidade  
as tuas lágrimas serão irrisórias...

Os teus gritos serão grotescos

e serão ridículos os teus ais

perdidos na orquestração de motivos dantescos  
dos gemidos universais!

Nada de falsas esperanças, nem gestos tolos de paz!

Este céu côr de fogo, êste calor na terra,

êsse choro imperceptível

essa angústia sem voz,

são os sintomas fantásticos de uma luta

inconcebível

que chegam até nós!

Este céu carregado... estas sombras pelo ar...

Êste tremor na terra... êstes trovões no mar...

— são os ineludíveis sinais

de que entre chamas e escombros o mundo inteiro arde!

Nada de sonhos vãos, de palavras inúteis

ou de ilusões fatais

Já tudo que disseres será tarde!

Será tarde de mais!

Tôda a idéia de paz hoje será funesta

Quando o mundo é uma dusta e esgalhada floresta

num incêndio descomunal!

Infelizmente, a realidade é esta

afinal!

Lutar é ser coerente a uma velha conduta

e se foste sincero em teus belos ideais,

entra na luta que também se luta

pela paz!

(Continuação da página anterior)

Luta pela cultura e pela humanidade  
ameaçadas e combatidas!  
pelo teu pensamento, e pela liberdade  
de tôdas as vidas  
luta por teus irmãos humildes e explorados,  
pelos povos pequenos violentados,  
e pelos grandes traídos:  
pelos humildes, pelos perseguidos,  
pelo direito, pela justiça, pela razão;  
luta contra a violência, a rapina, a conquista,  
(abutres no ar sôbre um chão coberto de defuntos!)  
— luta por tudo isto e lutaremos juntos  
oh! meu irmão pacifista!  
oh! meu irmão!

Se a loucura domina se a força se expande  
desperta tua força, e ela será tão grande  
que sairás vencedor!  
Ou levarás contigo os derradeiros restos  
de liberdade!  
Ou morrerão contigo os derradeiros gestos  
de amor!

Vamos! Nada de lamentos, de lamúrias e penas,  
nada de olhar para trás!  
A paz que sonhamos juntos era grande e era bela,  
mas era um sonho apenas  
nada mais!

Deixa pois que a loucura te empolgue e te anime  
Oh! suprema ironia!  
Oh! irônica verdade!  
— é preciso afinal acumpliciar-se ao crime  
e saber perpetrá-lo,  
pela liberdade!

Lutar então é dos justos! Lutar assim é dos bravos!  
— dos verdadeiros heróis!  
Só com a nossa vitória os que hoje são escravos  
Amanhã serão homens livres como nós!

# NOSSO TEMPLO SAGRADO

(Continuação da pág. 41)

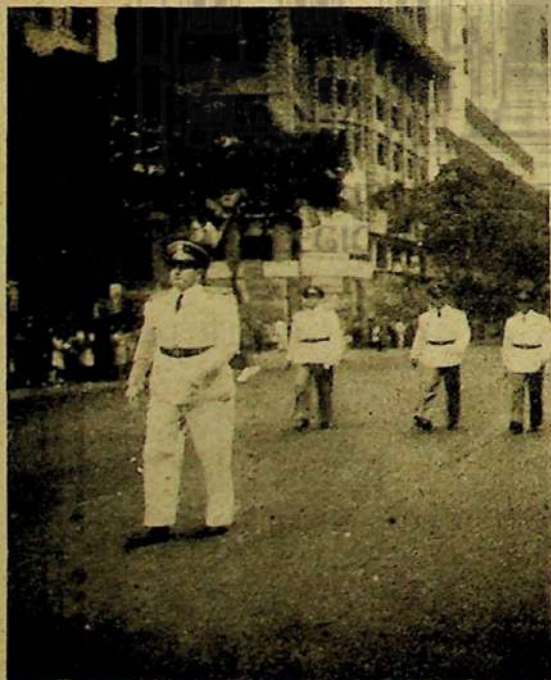
tê-la e aprimorá-la também. O lema das gerações pasadas foi: "conservar, melhorando", e êsse deve ser também o nosso. Em nada somos inferiores aos que nos precederam, devemos, portanto, proceder como tal. A Sociedade Literária não pode cair, ela é perpétua, porque foi criada com finalidades justiceiras, é obra que nasceu do amor às letras e, como tudo que nasce do amor, deve ser quase divinizado. Sei que a geração hodierna não será iconoclasta, os ídolos do passado são os nossos e serão os dos que estão para vir.

## SOCIEDADE LITERÁRIA!

É tua singular aparência o motivo de nosso imenso júbilo. Temos contigo uma biblioteca dotada do necessário para saciar nossa sede de novos horizontes científicos bem como literários.

Podes permanecer tranqüila nos páramos gloriosos em que te deixaram os antigos, porque os de hoje saberão venerar-te, como o tens sido através dos anos. Jamais sairás da recordação de todos que de tí se aproximarem. És, a concatenação de todos os nossos ideais, pois de tí brotam oradores, poetas, escritores, toda uma plêiade de jovens que no futuro, será o baluarte da literatura. És, em tí, que aprendemos a expurgar êsse acanhamento que trazemos conosco, quando "bichos", e que se não retira, enquanto se não nos deparam oportu- nidades como as que nos ofereces.

SOCIEDADE LITERÁRIA!... És, em tua grandiosidade, em tua magestade, o troféu com que nos premiamos hoje, e a base soberba dos futuros triunfos na litera- tural



O Cap. Lira e oficiais do Colégio no desfile da Raça



Na Infantaria

# "Templo Profanado"

Homenagem à "MÃESINHA"

por BELIANTO

Nuvens pesadas toldam meu pequeno mundo — esfera do meu Eu — sombreando a esperança no Futuro, a crença no Presente. Estremeço. Foge-me o ânimo...

— Mas, por que tamanha dramatização? indaga a velha e simpática D. Curiosidade (tão velha quanto a própria mulher no Globo).

— Siga-me, senhora.

Ei-la, a causa do meu desespero, da minha tristeza: o Homem!

— Nesta fábrica?!

— Sim, Aqui fabricam-se homens, ou melhor, aqui anuncia-se fabricação de homens.

— E moças, também?

— Certo!

Entramos. Contemplamos aquela obra grandiosa: altos fornos, complicadíssimas maquinárias, moderníssimos laboratórios de análise e experimentos, e muitos outros: "Is-simos"...

De toda parte vinha-nos a vibração que produzem as grandes voltagens quando atravessam os organismos elétricos. Viamos correrias; ouviamos ordens, gritos. E a indústria pareceu-nos próspera...

— Mas, até agora, só vejo motivos para alegria, protestou a minha companheira. Uma fábrica moderna, e cheia de aparelhos tão complicados, deve produzir homens de primeira qualidade!?

— Não respondi logo. Puxei-a, pelo braço, e mostrei-lhe uma placa: "GERÊNCIA".

— Miranda! O senhor gerente está? gritei para um velho servidor.

Não! Há três horas foi para o almoço, e agora acaba de telefonar dizendo que não voltará hoje. Todo o expediente, já atrasado, ficará acumulado para amanhã.

Num canto da sala, D. Curiosidade, quieta, ouvia, e pareceu-me ter visto em seu olhar um estranho e arguto lampejo. Estarria começando a compreender-me?

Velho conhecido da casa, não me foi difícil mostrar a minha companheira todos os seus recantos. Visitamos o "DEPARTAMENTO DE APARELHOS DIGESTIVOS"; lá

havia cartazes instruído, ordenando, regulando, aconselhando; enfim, com muitos gerúndios... E o chefe exigia, esbravejava, ameaçava. A um canto, um operário encaixotava os aparelhos já prontos.

— Podemos vê-los? perguntamos.

O homem olhou-nos com uma expressão misto de desconfiança e mau humor. Rápido, tirei do bolso uma prata; ao luzir soante da moeda, sua fisionomia desanuviou-se. Indicou-nos uma porta: era o depósito. Vimos montões de encomendas já prontas. Mas, que surpresa! Em lugar dos aparelhos perfeito que esperávamos ver, ali só os havia deformados; alguns com peças desajustadas, mal aparafusadas. Virei-me para o nosso guia.

— E isto é o resultado de tantas exigências e conselhos? indaguei.

— A senhor! E' como diz o velho rifão: "Ninguém dá o que não tem". Falta-nos matéria-prima; há máquinas que não funcionam direito, e o gerente não nos manda quem as conserte. Os operários não têm sentimento de responsabilidade; os chefes não os vigiam, porque se preocupam apenas em **parecer** e não **ser**. Todos interessam-se unicamente em tirar o maior proveito pessoal; vendem-se por miseráveis somas para terem um pouco mais de luxo em suas casas.

Já não podíamos suportar por mais tempo a visão do fruto de tanta baixeza.

Percorremos muitos outros departamentos, vendo sempre o mesmo quadro, o mesmo estribilho, a mesma farça, até que chegamos a um, onde — ó cúmulo dos milagres — se exigia, fiscalizava, e os operários se esmeravam! "DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO DE MÚSCULOS". Mas, que decepção! Nem assim os aparelhos saíam perfeitos!

Por que?... Porque faltava o essencial: a perfeição das bases, a justeza dos órgãos alimentares; êstes já vinham mal feitos de outras oficinas mal grado a boa vontade dos construtores de musculaturas, que leimavam, a todo o transe, em fabricá-las, custasse o que custasse, ainda que em prejuízo do produto final.

(CONTINUA NA PAGINA 47)

# “Fé”

## Jurandir Amarante

E' de Aristóteles a afirmativa de que o homem é um **“animal político”**. Para Hobbes, já é um animal **insociável, belicoso.** “*Hommo homini lupus*”. O homem é lobo le outro homem.

Ai estão as duas teorias: é só escolher. Para o filósofo grego o homem é um animal incapaz de viver só. O grupo é para êle elemento indispensável. Sem a assistência e a colaboração de seus semelhantes estaria destinado a desaparecer. Para o filósofo inglês, o homem não tem outro e nem maior inimigo sobre a terra do que o próprio homem. O que existe é um estado de guerra permanente e universal, que as leis do mal podem reprimir. O homem foi, e será sempre um ser anti-social, inadaptável mesquinho e egoísta.

Daí as guerras, estado natural e constante da humanidade, resultando os períodos de paz em simples trégua para novos e mais encarniçados períodos de lutas.

Para outros, o homem é um **“animal supersticioso”**.

Por mais que se avance em conhecimentos científicos, por mais positiva que se mostre a sua razão e lógico o seu raciocínio, jamais poderá se libertar de todo, dêsse fundo de superstição, respeito e temor que revela ante o desconhecido, ante o mistério das coisas inesplicáveis.

Para Voltaire e para muitos outros pensadores irreverentes, o prestígio e a força das religiões residem nisso: no medo da pobre e temente alma humana ante o **“ignobilimus”** que nos cerca, notadamente na vida d'além-túmulo.

Os antigos egípcios não matavam o gato, por considerá-lo um animal sagrado. E ainda hoje goza de relativa imunidade o nosso benteví (pêlo menos entre os garotos caçadores de passarinhos por ter o seu passado (segundo dizem os antigos) certas ligações com a história sagrada.

Evidentemente, a ciência, no seu orgulho todo-poderoso de mestra que prova o que afirma, não concorda com essas crenças e aconselha a nós outros, pobres mortais,

à somente dar crédito ao que é positivo, racional, passível de uma verificação que satisfaça ao espírito.

Vão esforço! O homem jamais deixará de acreditar no sobrenatural, jamais abdicará de sua prerrogativa de poder acreditar em milagres, no poder de certas forças ocultas, ou simplesmente em entidades que o confortam e o animam nas horas de desespêro.

**Crer, ter fé, acreditar** em qualquer coisa palpável, material; ou impalpável, imaterial, é condição indispensável à alma humana!

Exemplo nos deu aquele cirurgião célebre, profundo conhecedor da intrincação anatomia e fisiologia do corpo humano, que, quanto mais analisava os mais delicados segredos da matéria viva — mais e mais acreditava na existência de um ser superior de uma Inteligência Privilegiada, pois só um Grande Sábio seria capaz de criar tôla aquela maravilha!

Exemplo foi o corpo de Lenine, ter ficado exposto na Praça Vermelha, ao culto e à admiração do povo russo. E quantas preces não foram balbuciadas em silêncio, pelas multidões oprimidas e sofredoras, pedindo ao Senhor da Criação o milagre da realização das promessas de felicidade coletiva, que o morto cizera e por que tanto se batera, mas que a Eterna Cefadora não o deixara cumprir.

E assim é a fé, essa necessidade imperiosa de se crer em alguma coisa, para não perdermos a confiança em nosso próprio destino.

E' a esperança do jovem encorajamento do adulto, o conforto e a redenção crepuscular.

Portanto, não há como fugir ao imperativo: ou o homem busca êsse motivo na realidade da filosofia positiva.

E' bem verdade que entre ambos existem os céticos. Mas êstes fazem das próprias premissas do ceticismo o objetivo de sua crença.

Theodoro Jouffroy, dizem, descreveu numa página célebre, o vácuo horrível que sentiu na sua alma, após ter perdido a fé!

Qualquer coisa assim, como o desmornar de uma existência. O lestrêro de tôdas as ambições. O perecimento irremediável de tudo aquilo que êle acreditava verdadei-

(Continua na pág. seguinte)

## "Templo Profanado" ||

(Continuação da pagina 45)

E D. Curiosidade, estranhamente, via, ouvia e calava. Calava? Não, porque o que a sua boca não dizia, os seus olhos me falavam.

Fui eu quem quebrei o silêncio.

— Eis, minha amiga, o que queria mostrar-lhe.

— Mas... Não é possível! Ainda falta. E onde se constroem os caracteres, onde as mentalidades?!

— Pronto! Chegamos ao ponto crítico. Para isso, não há departamento especializado. Alguns operários abnegados, poucos, pouquíssimos, constroem-nos por sua própria conta, ou melhor, tentam construí-los; suas obras são quase sempre estragadas por uma maioria inconciente ou concientemente desonestas que, cega, ignorante ou torpe, insiste em lançar no mercado da Vida um produto fraco, vulnerável, corrompido.

Vê, minha amiga, lá vão eles, filhas intermináveis de transportes, conduzindo mercadoria humana incompleta, degenerada! Lá vão eles, jovens que, por um desleixo de seus construtores, jamais se adaptam ao grande órgão; Sociedade! Vão causar guerras, discórdias, desgraças! Vão destruir lares; esfaquear o coração da velha geração que custeja esta grande fábrica, o coração, coisa única que lhes resta!

E D. Curiosidade, sempre tão loquaz, apenas interrogou.

— Por que?

— Por que?... Porque aqui, nesta mesma terra, a Humanidade cometeu o mais vil dos crimes, o mais terrível dos sacrilégios: destruir um Templo para levantar uma Fábrica!

Outrora, um "velho de barbas brancas" oficiava aqui; hoje, um magnata calcula seus lucros, e procura meio de aumentá-los!

Outrora, neste local, havia um Templo "risinho e franco"; hoje, uma fábrica de seres ignóbeis!

Eis o Passado contra o Presente: um sacerdote contra um vendedor!

— Então, isto é um Templo profanado! murmurou a minha amiga...

Era tarde. No horizonte ainda crepitavam as últimas labaredas de um Sol que chorava a Terra — custava a despedida. O grande astro, creio, murmurava preces pela pecadora... porque a amava ainda, a despeito dos seus enormes crimes...

Eu estava só; D. Curiosidade partira. Não sei quais foram os pensamentos que atravessaram o meu espírito atribulado... Só me lembro que fitava a cortina rubra, que descerrava a Noite... E longe, uma voz tristonha ainda murmurava: Templo profanado... Templo profanado...

## "FÉ" ||

(Continuação da pagina 46)

ro e que justificava, afinal, a necessidade de viver.

O mundo, para Jouffroy, dessa hora em diante, deixou de ter significação, de ser uma realidade. O sol se apagou. Foram-se os risos das crianças, o colorido e o perfume das flores e a alegria de viver! Apenas uma noite escura, tormentosa e sem fim sucedeu a todas as cousas...

E nada mais lhe restou senão desejar a morte: desaparecer, como o mundo havia desaparecido em sua alma, com a perda da fé; desaparecer, também, envolto em trevas, já que só estas existiam, e já que o seu es-

prito e coração eram duas órbitas vazias, abertas para o nada!

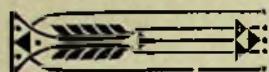
Felizes os que crêem, os que não se desesperam, os que pedem e esperam com fervor as bênçãos do Altíssimo!

Feliz é a velhinha que, ao enrolar o "cache-col" ao pescoço do filho, pede e espera que ele volte da guerra; feliz é o cura que ao repicar dos sinos, deseja sinceramente que os bons fados baixem sobre as cabeças dos seus paroquianos; feliz é a mãe que pode vêr, após dias amargurados de penura, e com as lágrimas da alegria nos olhos, a vitória do filho no objetivo que era o seu ideal, e com essa vitória o ratar de suas novas esperanças...

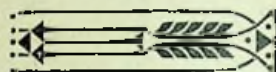
Felizes são todos os que tem fé. E como é imenso o seu poder no coração dos homens!...



# “Carta aberta á Humanidade”



**M. B. MENEZES**  
 AO MEU AMIGO  
**PEDRO MALAZARTES**



Meu amigo, que és homem, tu bem sabes que é possível que a tua vida acabes de um momento para outro, sem saber, como foi que esta vida se findou, como foi que o teu peito não notou que era chegada a hora de morrer...

E' mister que estejas bem tranqüilo sem ter, no pensamento, com sigilo, guardando algum segredo vergonhoso e é preciso também que sejas forte que tenhas preferência pela morte à praticar um ato indecoroso!

E' preciso que nunca te inquietem remorsos, e lembranças que fornecem da juventude a luz em plena aurora. Sê sempre bom, jamais serás vencido e quando te sentires comovido feche teus olhos e tranqüilo choral

Chora sim, porque a lágrima é sagrada, chora e terás a alma aliviada, e ficarás tranqüilo o pensamento, não te importunem os risos e as ironias porque se agora choras, ontem rias e ainda rirás em múltiplos momentos!

Se estás alegre ri, ri com alegria não te importes que contigo ria toda gente feliz ou desgraçada, gargalha com prazer, porque esta vida nada mais é que lágrima incontida ou uma mal contida gargalhada!

Aproveita os momentos de harmonia entre tu mesmo e o radioso dia em que a felicidade a tí chegar, agarra-a com ardor, com paciência, domine-a co'a humana sapiência, e luta e vence e vê se a faz ficar.

Luta muito, e não te dêes por vencido antes de no mundo haver perdido as forças e o vigor que vêm da vida e se feliz tu fores luta ainda porque a felicidade cedo finda quando não é com lutas merecida.

Protege hoje os pobres que anõezinhos são oprimidos pelos grã mesquinhos que não possuem no peito alma sã; protege-os hoje, porque é certo e humano, que depois de passados muitos anos, êles, fortes, protejam-te amanhã.

Se isto se não der, bem pouco importa porque a ambição no peito é coisa morta pois quem faz bem e é bom, é bem feliz se agir sempre em claro e em atos belos, se agir de modos nobres e singelos sem s'importar co-o bem que o mundo diz!

Conhece o teu valor sem ser altivo sujeita-te ao destino, e não cativo aos caprichos do mundo, luta e busca, ser senhor dos teus atos, ter vitórias, procura ter no mundo e na história o nome escrito, grande, em folha augusta.

Sê forte e nunca entregues ao destino a tua vida, porque êle é ferino e muita vez, sorrindo meigo, mata, mas se puderes fuge da tristeza procura ver no mundo só beleza mas ao notá-lo horrendo, à sorte acata.

Mas busca ser alegre nas tristezas busca rir quando vires as belezas julgando à tua vida abençoada, gargalha com prazer, porque esta vida nada mais é que lágrima incontida ou uma mal contida gargalhada!

*Daesia*



E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO  
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

# "Carta a um filho"

M. B. MENEZES  
ao tenente Braz Teixeira Filho

Meu filho, é sem triste estas sozinho  
sem êste afeto, sem êste carinho  
que ao coração dos pais, o filho empresta;  
a tua mãe ao ler a despedida  
soluçou, mas, em lágrimas sentidas,  
afirmou que sentia a alma em festa!

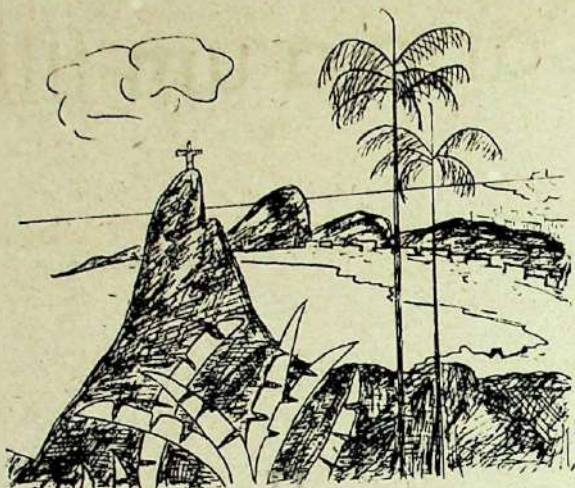
A Pátria te chamou, correste heróico,  
oferecendo a tua vida, estóico,  
e partiste de nós p'ra estranha terra;  
tudo por causa de um cruel tormento  
que ao mundo vem matando em sofrimento  
e que tortura e que embrutece — a guerra!

Partiste... e para nós era tão cedo  
que sentimos um grande e estranho medo  
de ver fugir-te a luz em plena aurora,  
mas já podemos crer na tua volta  
e nossa alma alegremente solta  
melodias de amor, e canta e chora!

Quando voltares hás de ver, ditoso,  
nosso grande Brasil vitorioso  
abrindo fortes azas p'ra amplidão  
e obterás a recompensa a glória  
de haver entrado para a nossa história  
por vontade do próprio coração!

E' preciso, porém, voltar tranqüilo  
sem ocultar, no peito, com sigilo,  
algum ato impensado de violência,  
é preciso ser bom com o inimigo,  
é preciso nas horas de perigo  
agir sempre de acôrdo co'a consciência!

E' preciso ser forte e ser bondoso,  
saber perder ou ser vitorioso,  
e conservar a dignidade inteira,  
mas o valor da nossa forte gente,  
mostra ao mundo altiva e bravamente  
O poder desta terra Brasileira!



## "GUANABARA"

A sombra do Corcovado,  
 Sob os pés do Dêce Pão,  
 Suave painel pintado  
 Pela Criadora Mão,  
 Vergel mavioso e lhano,  
 Coberto de um céu de anil,  
 Magestade do oceano,  
 Orgulho do meu Brasil

Eu te amo, ó Guanabara!  
 Porque me viste nascer.  
 Eu te amo, ó Jóia Rara!  
 Porque em tí me é dado ver,  
 O que mais belo há no mundo,  
 Tôda a natureza em flor,  
 O mais rico e mais profundo,  
 Tesouro do Criador!

Eu quizera sem poeta  
 Para, bem alto, cantar  
 Teu perfil, filha diletta  
 De Netuno, Deus do mar.  
 Eu quizera em simples versos,  
 Descrever teu céu azul,  
 Soberana do Universo!  
 Flor da América do Sul!

## VERGONHA

Num mundo em que há migalhas e desperdícios  
pratos cheios de restos enfiados  
e bocas que salivam sem ler pão;

e em que há crianças tristes, maltrapilhas,  
que não lerão nem livros nem recreios  
nem mesmo infância no seu coração;

num mundo onde os enfermos são tratados  
com a caridade irônica dos homens  
que são donos dos próprios hospitais;

onde alguns já nasceram infelizes  
e hão de viver sem segurança e paz  
sem meios de lutar, abandonados;  
e outros trazem do berço as regalias  
que hão de inutilizar, despreocupados;

num mundo onde há mãos cheias, transbordantes,  
e há mendigando, pobres mãos vazias;  
onde há mãos duras, ásperas, cançadas,  
e suaves mãos inúteis e macias;

onde uns têm casas grandes, com jardins,  
e outros, quartos estreitos sem paisagem;

num mundo onde os artistas, prisioneiros  
fazem "roda" nos mesmos quarteirões  
sonhando sempre uma impossível viagem;  
e há displicentes nos navios  
carregando "kodaks" distraídas  
que têm mais almas que seus olhos frios;

num mundo, onde os que podem não têm filhos,  
e os que têm filhos, quase sempre lutam  
porque não podem constituir um lar;

num mundo onde ao mais leve olhar humano  
vê-se que não há nada em seu lugar,  
e onde no entanto fala-se em Direito,  
em Justiça, em razão, em Liberdade;

num mundo, onde os que plantam pouco colhem,  
e os que colhem, não sabem, na verdade,  
de onde vêm as colheitas que consomem;

num mundo, onde uns jejuam muitos dias  
e outros, por vício muitas vezes comem...  
— sinto a angústia fatal de ter nascido  
e a suprema vergonha de ser homem!

# Cantiga para Adormecer

Maria Aparecida S. Lopes

Meu Deus, será verdade  
Que ontem vi partir meus filhos  
Meus rapazes para o "front"?  
O navio ao largo, e só como despedida  
Um lenço branco, um pequeno lenço branco  
Descorado e indiferente como a vida,  
Os meus rapazes Senhor, que vi tão peque-

(ninios

Num róseo berço lindo, assetinado  
E eu velando sobre eles  
Debruçada sobre o cortinado.  
Senhor, será verdade

Que ontem vi partir os meus rapazes  
Talvez partida sem retôrno?  
Parece-me vê-los ainda brincando  
Com os tambores, espingardas  
Combatendo o dia inteiro  
Tendo à frente um general  
Com o chapéu  
Feito de um folha de jornal...

Os meus meninos...  
Que quando tinham febre  
Murmuravam ao meu ouvido  
— Mamãe, eu quero a tua mão  
E eu para não vê-los sofrer  
Cantava melodias para adormecer  
Meus meninos...

Cresceram  
E eu nem os senti crescer  
Para mim ficaram sempre pequeninos  
Embora crescidos  
Embora rapazes.  
Embora jovens

Árvores moças entesourando seiva!  
Árvores moças encastando flôr!  
Fazendo-me feliz em francas gargalhadas  
Melodiosas para os meus ouvidos  
Como o sorriso das claras madrugadas  
E êles falavam sobre namoradas  
Sobre o cinema  
Sobre o "club" e trauteavam  
O "fox-blue" da temporada  
Os meus rapazes, Senhor, os meu meninos  
Que eu levei para a primeira comunhão  
E o que eu tinha de mais caro desde então

Os meus rapazes!

— A eterna lareira crepitante do meu lar —  
E tão fortes e jovens  
Que a guerra os poude levar  
Levou-os sem piedade

Arrancou-os  
Com brutalidade  
Para o fogo dos canhões, o grito assassino  
De tôdas as metralhadoras  
Para a morte, para a fome, para a crueldade  
Para o sangue dos heróis, para as águias  
(abatidas

Dos esquadrões de ferro  
Para os gemidos sem fim à luz de um lam-  
(pião

Em que ouço murmúrios

— Mamãe, segura a minha mão...  
E eu longe, muda e triste sem saber  
O que poderá acontecer...

Mas embora tenha o coração amargurado  
Retalhado

Eu trago os olhos secos

Meu coração de mulher

Não chora, nem soluça, nem condena

Ainda sonha com as batalhas de brinquedo

Com a audácia dos "meus generais"

Com as espingardas de cabo de vassouras

Dos chapéus recortados a tesoura

E as granadas de mentira...

Vejo-as claramente na retina

Fortes, corajosos, audazes

Para a guerra de verdade

Tentando bustear em tôdas as bandeiras

A flama sacrossanta da eterna liberdade

Peridos, arquejantes, quasi mortos

Soluçando em vão

A frase meiga

— Mamãe, eu quero a tua mão...

Sofrendo

Para que os lares possam reviver

E eu sentir através de todo o mundo

Outras mães

Arrulhando sobre os róseos cortinados

Melodias para adormecer...

# Curiosidades e Esportes



E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO  
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

# O FUTEBOL NO C. M.

Por Arthur Cantalice (Ex-aluno)

O ano de 1944 assinalou o retorno do C. M. às peléjas do esporte bretão. E a equipe que o representou soube manter, com galhardia, as tradições desportivas da casa. Assim é que, nos quatro jogos disputados, obteve quatro nitidas vitórias.

Vejam os a sua campanha: estreou vencendo a Escola de Intendência do Exército pela aça contagem de 5 x 0; na segunda peléja, contra o Colégio Felisberto de Menezes, saiu vencedora pelo apertado "score" de 2 x 1; fez sua terceira apresentação enfrentando o quadro do Internato S. José, ao qual derrotou pela berrante contagem de 6 x 1.

O revés de 2 x 1 não convenceu aos adeptos do Colégio Felisberto de Menezes, que julgaram ter o juiz prejudicado a sua equipe. Foi-lhes, então, concedida uma "revanche". A partida, que foi aguardada com grande interesse, terminou, mais uma vez com a vitória do C. M. por 4 x 2.

Passemos em revista, agora, os componentes dessa invicta equipe:

**JURANDYR** — Quase não foi chamado à intervir nos jogos em que tomou parte. Mas, podemos assegurar, é um goleiro de qualidades.

**TOURO** — Um esteio da defesa. Não é um mero rebatedor, pois sabe como tirar a pelota do adversário e passá-la ao companheiro melhor colocado.

**ABILIO** — Zagueiro com grande dose de

técnica, sabendo ser "duro" quando necessário.

**SERGIO** — Joga com muita fibra. Possui umas arestazinhas... Questão de lapidação.

**NEVES** — Um centro-médio de valor: defende com precisão e auxilia bastante o ataque.

**PAMPLONA** — É o "benjamin" da equipe, e entusiasmo a assistência quando, ao desarmar com maestria o contrário, resolve dar-lhe um "baile" antes de lançar o "couro" à frente.

**PAVÃO** — Produz 40 % para a equipe. Os outros 60 % é os produz para os assistentes. Quando produzir 100 % para o conjunto, será um dos pontos altos deste, pois qualidades não lhe faltam.

**OTENTA E UM** — ÓTIMO construtor de ataques.

**ESPOLETA** — Não é um centro-avante na acepção da palavra, mesmo porque não é esta a sua posição, mas ao avallar seus dotes técnicos à uma grande força de vontade, consegue agrandar plenamente.

**MACACO** — Maneja com rara pericia a n. 5, possui forte chute e sabe fazer uso do corpo quando há necessidade.

**JOSIAS** — Constituiu-se na maior atração de 44. É o "artilheiro" da equipe e, se não bastar esta qualidade para prestigiá-lo, podemos citar mais as seguintes: É senhor de um respeitável chute, finta com pericia e cabaceia com habilidade.



No Auditorio, por ocasião do início do ano letivo. (945)





# A Parte Esportiva do dia 25 de Agosto

Pé de Valsa

Acabara a conferência no auditório. Conforme a organização do programa comemorativo à data, seguir-se-iam as provas esportivas. Descemos. Já o Estádio Capitão Miragaia estava apinhado, e os atletas preparavam-se para entrar em ação. Com sacrifício consegui um bom lugar na cêrca do campo, e ali fiquei aguardando o início que, felizmente, não tardou, pois daí a pouco estavam desfilando os atletas. Começou a primeira prova: "Corrida de saco", 50 metros para a "bichanada". Nela a "gurizada" vibrou, e até eu "torci": tombam uns, levantam e saem novamente aos pulos... e finalmente chega o vencedor. — E' o 85! ouço uma "vozinha infantil" dizer. Realmente foi o "bichinho" o vencedor, e logo depois, soube que o segundo colocado fôra o 43. Bravo!!! Meus parabens, "Bichos"!

Já a esse tempo, os corredores para os 300 metros. Sairam. São eles: 155, 545, 30 e 345. Quem vencerá? O 155, é claro. Mas o segundo, quem será?...

Avança 545! "Mete os eitos" 345!... p. — Gritam os da torcida. E no final o primeiro é mesmo o 155 e o segundo, o 345.

Mas, que é isso? Os lançadores já iniciaram suas provas?... Bom lançamento 10! "Isola" esse "palito" 151! Vamos 5! 145, não vá quebrar as vidraças do alojamento com o discos! Simão, esse pêso não é bola de ping-pong!... — Vibra, novamente a torcida, mas sem perceber que já haviam iniciado os mil metros... Passam agora, na sua primeira volta, os corredores.

— Essa prova é do "Pafa", diz um ao meu lado.

— Não, essa é do "Tatú", contesta um outro.

— Ora, nada disso, o "Boi" será o vencedor, opina outro alguém. E dão início à torcida, "não organizada": vamos "Pafa"! respire bem "Tatú"! avança "Boi"!... Mas eles se esquecem do 93 que, após o "Pafa" (264) ter arreventado o cordão, foi quem primeiro atingiu o local da chegada. Mas, e o dardo? E o disco? E o pêso? Já terminaram? Oh! que pena!...

— Oó "Everest", quem venceu o disco? — pergunto ao 145, que atravessa, neste momento, o campo, para o salto em distância.

E ele, com um sorriso, "lá de cima", responde-me:

— A modéstia me faz calar... Chamo-o então, afim de dar-lhe os parabens e, aproveitando, pergunto-lhe: E o segundo, quem foi? — O 10, responde-me ele. — E o resultado do dardo e do pêso? pergunto-lhe ainda, já quando saia. — O dardo foi o 10, o segundo 151 e o pêso, também do 10, segundo 264.

Já eu estava mais satisfeito. Faltavam, agora, o salto em distância e em altura. O "Everest" concorria nas duas e a vitória não lhe foi difícil; também, com aquelas pernas... O segundo em distância fôra o "Espoleta" (856), e, em altura, o Josias (426). E estavam, assim, concluidas as competições atléticas.

Vinham, agora, os jogos: *foot-ball*, entre o ginásial e o científico; *basket* e *volley*, entre 4 *teams* organizados: azues contra brancos.

Começaram quase ao mesmo tempo. Estou assistindo ao de *foot-ball*, e uma senhorrinha a meu lado pergunta-me: — Qual dos dois *teams* é o do científico?

— E' aquele, respondo-lhe, apontando para o meu *team*. O do *goals* é o 996, "o nosso bicho prodigio", os *backs* são o 307 e o 205, "o doutor da área", como diz o nosso instrutor de educação física; a linha de *half* é do "Gunga" (305), 900 e do N.C.B. (1) e a linha atacante do "Ceguinho" (287), 81, 237, 143 e do "Big" (963) ... e descrevi-lhe os *cracks*, mesmo sem saber se ela entendia ou não de *foot-ball*, e ela, desiludindo-me, disse: — Ah! eu não gosto dos alunos do científico, são muito "crentês" (?)... e eu, para agradá-la e "melhorar meu cartaz", comeci a descrever o *team* do ginásial; no goal o Fome" (155), que parece estar com fome de bola; na zaga o "Touro" (861) e o "Pavão" (843), um que joga como poucos, mas não dá um *shoot* sem cair a fazer o "velho fiarol"; na linha de *half* o 207, o 69 e 67, três veteranos dos ginásianos, e no ataque estão o "polícia" (não se assuste, pois é o 102), o "Espoleta" (856), o "explosivo dos ataques"; o 138, rapaz de grandes qualidades; "Macaco" (866), e o "Sarrafo" ou Josias ou 426. E' um ótimo *team*, disse-lhe eu, mas, com o meu orgulho de científico, acrescentei: mas o nosso é melhor. Pusemo-nos a

assistir o jogo. O ginásio estava com vontade, mas o científico tirou-lhe um pouco do apetite, e aos dez minutos de jogo o "Big" abre a contagem para nós.

— Um a zero! vibrei num pulo e joguei dez vezes o quepi para o alto. Vê, senhorita? O científico é mesmo o "bal"! Bravos "Big"! Mostra a êsses ginásianos como se faz em Minas! — Gritei num entusiasmo incantido.

E o jogo continuou: ataques lado a lado, boas defesas do 996 pois o ginásial não se conformou com o goal... E assim se debatiam os dois teams, quando resolvi abandoná-los, pois julgava ser eu quem dava azar ao jogo.

Fui ao *Basket*. Lá estavam os dois teams lutando pelos cruzeiros que viriam depois. No quadro azul estavam: como cap. o 151. E o 26; o 3; o Dória; o 160; o 964 e o Leite completavam o quadro. No branco estavam: o 30 (como cap.); o 936; o 947, o 145, o 5 e o 361. Comecei logo a indagar: quem está vencendo?

— O branco, disse-me um "Externo".

— De quanto? prossegui.

— 10 a 5, parece que me respondeu.

— Quem fez a primeira cêsta?

— O 5.

— Ó, o 5? Bravos, meus parabens! gritei-lhe, felicitando-o, mas parece que nem prestou atenção, pois estava com a bola e não queria perder o lance.

Fiquei, então, a observar: o jogo estava equilibrado e a cada ataque correspondia um contra-ataque mais ou menos igual ao contrário. O 30 e o 361 sobressaíam. "Outra cêsta 30!" "Deixa uma para o Agrcola!"... E o jogo continuava...

Bem, vou dar uma olhadela no *volley*, resolvi. Sabia que os azues jogavam com o 889, 298, 951, 310, 938 e 593, e os brancos com o 345, 395, 240, 10, 969 e 423. Em lá chegando comecei a perguntar:

— Quem vence?

— Ora, os azues, respondeu-me um colega, meio amolado com a minha ignorância.

— De quanto? Perguntei-lhe encorajado. Mas o "parceiro" fez-se de mal entendido e, não me dando ouvidos, continuou a sua torcida que, por fim, fôra interrompida: corta Josias! Levanta "Palito"! Tudo, 10!...

Meio desconcertado, com o mal acolhimento, retirei-me. Voltei ao meu velho *football*, acolhedor e amigo. — Qual a contagem? perguntei à senhorita, que ainda lá se encontrava.

— A mesma, respondeu-lhe ela, meio indignada. Não sei porque não põem o "Pafa" em campo?...

E o seu desejo, pouco depois foi satisfeito: o Josias, contundindo-se, teve que se retirar, cedendo o lugar ao "seu" "Pafa"... E o jogo continuou com o mesmo relativo equilíbrio. Termina o primeiro tempo e volto ao *basket* e ao *volley*.

Os mesmos vencedores. No *basket*, o 30 continuava a desacatar; no *volley* terminara a primeira partida e os azues continuavam a vencer.

Começou o segundo tempo: os ginásianos atacam; o 237, contundindo-se, cede o lugar ao 885; e os ginásianos continuam atacando e os científicos defendendo... Mas, aos 5 minutos para terminar a partida, o 138 dá um "tiro" que o nosso "goleiro" não consegue defender. Estava empatado o jogo. Agora quem vibra é a senhorita a meu lado. Mas o científico tomou então a iniciativa. Começaram a atacar, mas em vão, pois logo o juiz apitou e mais uma vez o velho empate, 1 a 1.

E, qual o resultado do *volley* e o do *basket*? — Corri a perguntar.

— Trinta e um a vinte e um dos brancos, no *basket*. Responde-me alguém.

— Onze a cinco, no *volley*, para os azues, conclui outro alguém.

Puxa!!! Parece que estou rouco de tanto torcer nas jogadas dos nossos "cracks" científicos; outros estão roucos por torcer pelos ginásianos.

Enfim... tudo terminou bem... — sai divagando. Ao passar pela sessão de Educação Física vejo os vencedores do dia, recebendo seus prêmios.

— Como é "Everest", estás cheio dos cruzeiros, não vais me pagar uma coca-cola?

E êle, numa franqueza meio forçada, resolveu convidar-me, e fomos, então, ao Café em frente, tomar qualquer coisa...

\*\*\*\*\*

#### A ÚLTIMA DA CIÊNCIA MODERNA

O famoso dentista luso-português ("Dr. Buticão" inventou uma dentadura tão perfeita que o paciente poderá ter as sensações de uma dôr de dentes, como também terá que se submeter ao tratamento da cárie

Má... zinho.

# "FILMES EM REVISTA"

Marco Polo

ULTIMO REFUGIO .....	Felizberto de Menezes
QUE PAPAI NÃO SAIBA .....	Suzana (936)
O DESPERTAR DO MUNDO .....	Vital (942)
TRAVESSURAS DE UMA SOLTEIRONA .....	Gerson (885)
O FURACÃO .....	Holanda (Trovoada)
UM "PEQUENO" REFUGIADO .....	Asdrúbal (88)
SONHOS DE UMA NOITE DE VERÃO .....	Média 3
O MERCADO NEGRO .....	Venda de caramelos
SOMOS TODOS IRMÃOS .....	139, 93, 202, etc
O GRANDE "DITADOR" .....	Babá
A MULHER DO PADEIRO .....	354
O MANDA CHUVA .....	Juvêncio
A LUA A SEU ALCANCE .....	145
DUAS SEMANAS DE PRAZER .....	Férias de junho
... E AS LUZES BRILHARÃO OUTRA VEZ ...	Alojamento
EM CADA CORAÇÃO UM PECADO .....	Sala de presos
O MAIOR SOVINA DO MUNDO .....	Onofre
OLHOS DA NOITE .....	Zé Carioca
EXTRANHO RECURSO .....	Olho de Moscou
O HOMENZINHO ESTA' DE AZAR .....	Teles Cópio
O HOMEM DE OLHOS ESBUGALHADOS .....	61
INIMIGOS AMISTOSOS .....	88 e 497
O HOMEM QUE VENDEU A ALMA .....	88
REFENS .....	Alunos dependentes
UM LOUCO ENTRE LOUCOS .....	234
ÀS PORTAS DO INFERNO .....	2.ª época

## "SECÇÃO DE LIVROS"

Marco Polo

BOA NOVA .....	Zero não inabilita
A CARETA .....	201
O PATINHO FEIO .....	Baiano (389)
EU SEI TUDO .....	Suzana (936)
O HOMEM QUE CALCULAVA .....	927
AÍ VEM A BAHIA .....	305
INFAMIA .....	139
"ENTRADAS" E BANDEIRAS .....	E'lbio

### COUSAS IMPOSSÍVEIS DE SUPORTAR

Marco Polo.

- 1) O 927 contar o seu caso de amor.
- 2) O ... Susana (836) tomar leite numa mamadeira.
- 3) O Xéxéo querer demonstrar que é gordo e tem físico.
- 4) O Paulette (309) treinar para tenor, e dizer que é o Frank Sinatra.
- 5) Ver o Vital arquejar sob o peso dos arcos.
- 6) Ver o D. Quixote (perdão) o Cema-rub andar a cavalo.
- 7) O 89 contar a piada do "ponta".
- 8) O Elbio dar as "entradas".
- 9) O Cândido contar o caso que expulsou um aluno.
- 10) O ... contar as proezas dos parentes.
- 11) As piadas do "pavão".
- 12) Vocês lerem estas piadas sem sentirem vontade de falar particularmente comigo.

UMA DO B. B. C.

Marco Polo.

O B. B. C., certa vez, foi ao cinema, num lugarejo onde vivia. Tinha êle muita vontade de conhecer a cidade, que jamais vira, e assim dirigiu-se para o cinema, afim de conhecer aquilo de que todos falavam, a cidade.

No fim do filme, sái o nosso amigo todo afobado, querendo "soltar o braço" no gerente.

— Mas por que isso? pergunta o pobre homem; — porque quer me "fumar"?

— Porque Vocês prometeram que eu ia vêr a cidade, e nada de cidade appareceu! disse o B. B. C., gaguejando de raiva.

— Mas quem disse que ia apparecer cidade?

— Então Vocês não puseram aí no anúncio: "Adversidade"?

\*

ACRÓSTICO DE DESPEDIDA

(Poesia futurista)

Por *Karlos Eninque*.

Jaci, ouvindo êsse teu dúbio nomezinho  
Ah! Mas que coisa quase incrível  
Comecei a recordar a sogra do vizinho  
Isso, sem razão admissível.

Ao conversar contigo entretanto  
Te vi ao contrário da dita sogra  
E verifiquei com muito espanto  
A simpatia que em ti até sobra.

Vais partir, ainda não concluíste?  
Oh! Jaci, Adeus! Adeus! So long!  
Levas saudades, deixa-nos tristes.  
Tudo porque não jogamos ping-pong.  
Adeus, Jaci! Adeus!

\*

Depois do jôgo com a E. I. E., a crônica esportiva do C. M. foi entrevistar o "Maca-co", para saber qual tinha sido a "chave" daquela espectacular vitória de 5 x 0. Ficaram todos surpresos ao saber por intermédio do valoroso "player" que não fôra empregada nenhuma "chave", e sim uma "gazua".

*Má...zinho.*

\*

Darei aqui a relação de alguns anúncios que será por certo de grande utilidade para os nossos colegas. Entre milhares consegui relacionar os seguintes:

"Não pague o Colégio... Mande o Figueredo".

"Sofre de axilose? Então não tenha dúvida, ampute o seu braço".

"Deseja passar um *week-end* que compense a semana de estudos? Recomendamos a sala de presos".

"Quando viajar em bondes superlotados, adira a nossa campanha: Dê um lugar no seu colo".

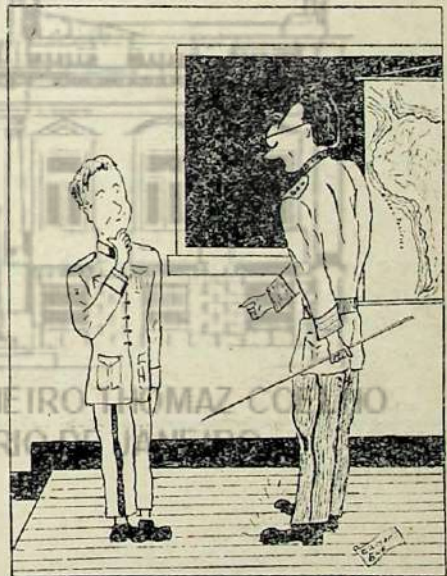
"Vai viajar? Então ouça o nosso conselho, não o faça a pé".

"Óculos com grau? Recomendamos os do "Pifa" (403).

*Má...zinho.*

\*

O nosso professor de Geografia dava uma aula sôbre as riquezas minerais do Brasil. Sôbre o ferro, deu uma explicação detalhada, desde a extração até a preparação para os



tins industriais. Falou, então, no "ferro doce". Ouvindo isso, o nosso colega "Pifa" levantou-se e perguntou solenemente ao mestre:

— Coronel...

— Alô...

— ...o Sr. podcrá prestar-me uma informação?

— Pois não, jovem, que deseje?

— Eu desejava saber qual a percentagem do açúcar na fabricação do ferro doce.

*Má...zinho.*

Após o exame de vista, o Osório (391), voltou desolado. O médico oculista recomendara-lhe uns óculos de grau 1,5. Mais uma para a 2.ª época.

Mã...zinho.

\*

O Pégaso entra correndo no banheiro, dizendo: — Hoje, na ginástica, eu dei uma inteira!

— “Uma inteira?”

— Sim, dei “oito oitavas”...

Marco Polo.

\*

Como é Pégaso, vais vêr “Por quem os sinos dobram?”

— Não, eu já sei por quem eles dobram, para que vou vêr?

— Por quem dobram os sinos, então, Pégaso?

— Ora, dobram pelo sacristão...

Marco Polo.

\*

Pégaso: — O Bororó está desnortheastado, não sabe para onde ir com sua gente...

— Porque?

— Hoje na aula o professor disse: “Deve atribuir para x...”

Marco Polo.

\*

Pégaso: — Ninguém faz barulho, tudo é tão sereno...

— Como assim?

Pégaso: — Não há nem um só brado...

Marco Polo.



O Pégaso, fazia exame oral de matemática.

O professor, apontando para duas frações que havia no quadro, diz-lhe:

— Seu Pégaso, essas frações são equivalentes?

— Não, professor, diz-lhe prontamente o Pégaso.

— Então, o que é que são?

— Bem... são... são... bem... não são equivalentes... então são... equi-covardes.

Marco Polo.

\*

ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO NO RANCHO



Baêta.

O Copeiro: — Tenente, não há água para fazer café.

O Oficial de dia distraído — Então faça mate.

\*

MAIS UMA DO B. B. C.

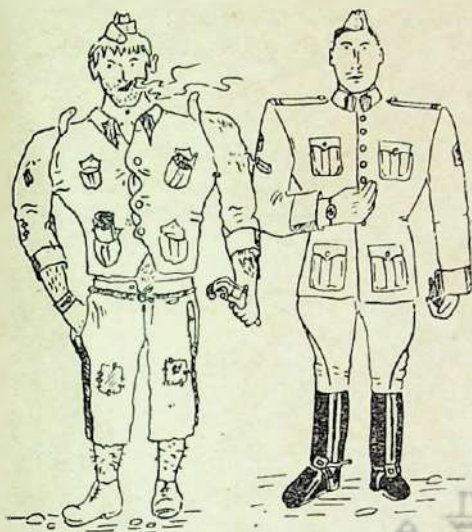
Certa vez passeava com o B.B.C. quando de repente vemos a figura de um conhecido. B.B.C. vendo-o, procura-se esconder.

— Mas que é isto B.B.C., pergunto-lhe, mataste alguém da família dêle?

— Não, salvei-he a sogra de morrer afogada.

Moc & Abú.

# A OUTRA DIFERENÇA



O INTERNO O SEMI-INTERNO

ESTA NÃO É A ÚLTIMA  
Por Mac & Abū

Estava certa vez numa roda quando o Finduba sai com esta:

— Vocês sabem que o marido da Madame Curie era a metade da circunferência?

— !!!

— Pois é; ele é "Pierre" e a circunferência "TIR".

\*

OLIM. PIADAS

Marco Polo.

Certa vez o "Mínimo" (que talvez vocês o conheçam, é aquele que atende pelo doce apelido de Asdrubal, o 88), dizia numa roda de amigos:

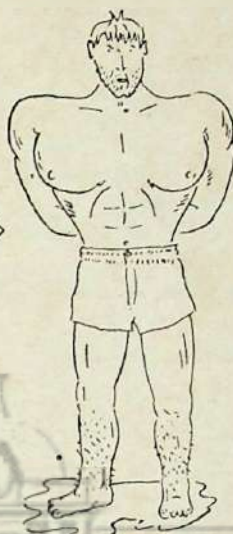
— "Tudo o que eu leio, serve-me de lição para o resto da vida. Os livros são os meus conselheiros, e têm em mim um bom discípulo; e ao dizer isto, levantava os seus bracinhos num gesto de quem quisesse dar ênfase ao que diz ("Essas crianças)..."

O Elbio, num sorriso sarcástico, diz:

— Duvido! Se tudo o que tu lês, assimilasses, não dirias tanta asneira...

— "O que? duvidas do que digo? Eu sou um sujeito que aproveito tudo o que leio, seu boçal! Vamos, Azzi, segura este livro para mim, vou brigar com esse sujeito, isso não pode ser!"

POREM...



O INTERNO



O SEMI-INTERNO

E o Azzi calmamente segura o livro que a criança entregou-lhe! "Como fazer amigos e influenciar pessoas".

\*

ESTA É CONHECIDA

Paulo César.

Conta-se por aí que o B.B.C. e o A.B.C. foram caçar nas longínquas terras africanas. Lá um leão devora o A.B.C., caindo a seguir numa armadilha do B.B.C.

Então o B.B.C. telegrafa para a família do companheiro: "A.B.C. morto por um leão. Sinceras condolências".

A família respondeu: "Recebemos comunicação. Agradecemos. Pedimos restos mortais".

A resposta veio pronta: "Segue dia 20 vapor Oceania".

Dia 20 a família foi toda ao Cais esperar tão preciosa carga. Mas receberam em vez do esperado, um enorme leão. Telegrafaram ao B.B.C. sobre o caso, e de lá veio a seguinte resposta: — "Segui leão. A.B.C. dentro dele".

\*

CACÓFATO

Kris.

— Como irei evitar o cacófato quando der a voz de "fora de forma, marche".

— Muito simples, diga assim: "coluna por muitos, sem conflito, marche".

## SARRAFO E AS SUAS

Zeas.

Sarrafo (Josias) estava conversando numa roda de pessoas. Dentre elas se destaca em primeiro plano uma matrona, de porle avantajado, gordurosa como ela só.

Pois bem, em dado momento este monstro entrou na conversa animadamente. Pôs as mãos nas cadeiras e começou a falar.

Um dos colegas do Sarrafo observou essa gesto e virando-se para ele disse:

— Sarrafo, olha o geito dessa mulher, com as mãos nas cadeiras.

Então o Ossada num gesto clássico e solene retruca:

— Cadeira nada, isso já passou para a classe de poltrona!

— Como assim?

— Fazem "so...nata".

O "Pégaso" encontra certa vez com um amigo e diz-lhe, com seu gesto clássico, boca torcida, saculejando as crinas:

— Sabes que no céu os trens são de lata?

\*

— de lata?!...

— Sim, pois nunca ouvistes falar que na terra há a via férrea? E os trens não são de ferro? Logo, havendo Via Látea no céu, só podem ser de lata!...

\*

— "Pégaso", cite algumas ilhas dos mares do sul.

— Havai.

— Muito bem, cite outras.



## OLIM...FIADAS

Paulo de Marco, 851.

PING — Sabes qual a diferença que há entre um mamão e um filósofo?

PONG — Solta logo!

PING — Um mamão não "dispensa" e um filósofo "diz... pensa"!

\*

O "Pégaso" certa vez, no rancho, enquanto o copeiro servia o café, murmurou:

— Oh! Esses copeiros sempre bancando o Beethoven!...



— Bem, Havai... Havai... Humaltá. Itororó, Lomas Valentinas...

## PENSAMENTOS

Paulo César.

De nada vale escapar de um "bedel" para cair nas mãos de outro.

\*

## MONOLOGO

Mac.

Susana (936) — Oh! Como odeio a infância. Falava, falava, falava... e não sentia a volúpia de estar falando.



É SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO  
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO